

## JOVENS BRASILEIROS, DESCENDENTES DE ITALIANOS.

### Relações transnacionais e significados da dupla cidadania

*Mariagrazia Santagati\**

*Devemos dormir con os olhos abertos,  
devemos sonhar com as mãos,  
sonhar sonhos ativos de rio buscando seu leite,  
sonhos del sol sonhando seus mundos,  
devemos sonhar em voz alta,  
devemos cantar até que o canto  
crie raízes, tronco, ramos, pássaros, astros.*

Octavio Paz

### 1. Migrações e fragmentação na sociedade contemporânea

A migração, enquanto mobilidade humana, continua a permanecer um aspecto particular da nossa época, definida pela mobilidade do capital, das mercadorias, das empresas, e também pela circulação das pessoas<sup>1</sup>. Este ensaio se coloca próprio no contexto do estudo da sociologia das migrações, disciplina que estuda a mobilidade no espaço e a mudança produzida por este deslocamento das pessoas nas relações sociais, nos modelos sociais e culturais e no ambiente humano, ou na sociedade global enquanto rede de relações (Pollini, Scidà, 1998).

A migração se pode definir como um “fato social total”, que implica e envolve diferentes aspectos das vidas das pessoas e dos grupos (espaciais, históricos, econômicos, psicológicos, sociais, culturais, políticos, antropológicos). Neste sentido, emigração (com o que se entende a partida de um local de origem) e imigração (com o que se entende a chegada a um local de destino) são duas dimensões complementares, ligadas e conectadas.

Hoje, todavia, pode-se afirmar que as migrações não são consideradas fatos sociais totais. Fala-se principalmente de deslocamento de mão de obra, instrumental e funcional para a economia dos países de destino, porque se enfatizam os aspectos econômicos, sem considerar as implicações culturais, sociais, políticas da imigração: consideram-se os migrantes somente imigrantes, sem passado e história, só trabalhadores e não pessoas em nível global. Ao mesmo tempo, a imigração é considerada um recurso no âmbito da economia e uma ameaça pela vida social. Erri De Luca, um

---

\* Doutora em Sociologia e metodologia da pesquisa social, ensina Sociologia da educação na Universidade Católica de Piacenza (Itália) e tem uma bolsa na Universidade de Torino para estudar os percursos e as escolhas escolares, formativas, profissionais, dos adolescentes migrantes presentes na Itália.

<sup>1</sup> Este texto é o resultado de um trabalho teórico e de uma pesquisa sociológica, elaborados no âmbito do projeto ALFA TransMigraRede, durante os três meses passados na UNESP de Rio Claro (julho – outubro 2005), que me deram a possibilidade de realizar um estudo sobre a atual mobilidade e as migrações internacionais entre Brasil e Itália.

escritor italiano, tem escrito poesias sobre migrantes. Este verso espreme bem os conceitos de se está discutindo.

Somos animais. Não somos para produzir nem leite nem carne. Mas somos animais de trabalho. Eles não nos querem e basta (De Luca, 2005).

Na sociedade globalizada, ademais, se afirma uma tendência de fragmentação entre as duas dimensões da imigração e emigração, que corresponde a separação, em nível macrosocial, entre a dimensão da economia, o mundo instrumental da tecnologia e da objetividade, de um lado, o mundo da cultura, dos símbolos e da subjetividade, de outro lado (Touraine, 1998). Em nível microsocia, esta fragmentação aparece conectada com a idéia de Sayad (2002), que considera o migrante um estrangeiro, sem um espaço social, cultural, político, que se caracteriza por uma dupla ausência no país de origem e de destino<sup>2</sup>.

Apesar disso, muitos estudos acreditam que os migrantes não são objetos, instrumentos ou vítimas dos movimentos migratórios globais, mas são atores sociais, são pessoas que têm vontade, capacidade de escolher, condicionados nos percursos de migração pelos contextos de destino e de origem, mas que têm também um certo grau de liberdade, têm chances e oportunidades de êxito e sucesso. Como escreve Freire (2001), se trata duma idéia da história como possibilidade, e não determinismo, e do sonho pessoal como horizonte de possibilidades. Se usar, por isso, o conceito de *chances* de vida de Dahrendorf (2003) que permite analisar os percursos pessoais, individuando condições e vínculos, mas também oportunidades que afetam as escolhas das pessoas. Ter *chances* significa ter uma real possibilidade de escolha, além do próprio pertencimento a um grupo social, econômico, étnico, territorial ou de gênero. Assim, esta identidade não deve constituir um obstáculo que impeça o acesso por mérito a posições sociais e profissionais mais prestigiosas.

É importante sublinhar, ademais, que a emigração produz, em nível pessoal, um afastamento e talvez uma ruptura com o próprio grupo, família, território, cultura<sup>3</sup>. Por isso, é necessário falar de um processo de mediação entre aspectos culturais diferentes, que se verifica na construção de novas identidades e nos pertencimentos múltiplos do migrante. Estes processos se verificam antes, durante e depois da migração e envolvem a primeira e também as outras gerações de migrantes. Trata-se de uma mediação que seja capaz de resolver uma ruptura, uma mediação que se desenvolve onde existem oportunidades relacionais entre pessoas, culturas, mundos diferentes. O contato entre grupos sociais não é, porém, abstrato e distanciado, não é um contato entre culturas fixas, mas é um

---

<sup>2</sup> Um duplo nível de análise (macro e micro) é necessário: o processo migratório é um percurso individual de cada pessoa, mas é também um processo coletivo que forma a história mesma do processo.

<sup>3</sup> Esta ruptura vêm lembrar o triunfo do individualismo, triunfo do qual a imigração é, em parte, uma das consequências, porque “não há presença em um lugar que não se pague com uma ausência em outro lugar” (Sayad, 2000: 15), se trata de viver como presente e sonhar como ausente.

encontro entre pessoas que vivem, mudam, interpretam, elaboram as culturas (Santagati, 2004)<sup>4</sup>. A mediação, assim, exprime uma perspectiva de dialogo entre identidade e alteridade, que se manifesta em particular na palavra ou no pensamento construídos na narração das pessoas: torna-se importante escutar e analisar as histórias de vida dos migrantes e das pessoas que querem migrar, onde se pode encontrar e desconstruir o complexo processo de construção e mediação entre culturas diferentes.

## 2. Um estudo sobre a mobilidade humana entre Itália e Brasil

Depois da apresentação do marco teórico em que se insere esse trabalho, os seguintes interrogativos, ajudam a circunscrever o fenômeno que se vai analisar.

- Existe uma relação entre a imigração italiana do passado, desenvolvida a partir de 1880 no estado de São Paulo, e a emigração atual dos brasileiros para a Itália<sup>5</sup>?
- Os brasileiros que migram hoje para a Itália e Europa são de origem italiana?
- Porque querem ir para Itália?

Alguns dados descrevem o ponto de partida fenomenológico da pesquisa. Historicamente o Brasil se constituiu como um país de imigração: diferentes povos contribuíram para a formação deste imenso contexto multicultural, caracterizado por várias etnias, raças, costumes, cores e valores.

De 1850 a 1930, milhões de estrangeiros – italianos, espanhóis, portugueses, alemães – instalaram-se no Brasil, substituindo a mão-de-obra escrava, na qualidade de trabalhadores nas plantações de café em São Paulo (onde se concentra mais que o 50% da população estrangeira residente no Brasil), na construção de caminhos e estradas necessários à expansão da cafeicultura, na construção de infraestruturas urbanas ou como colonos nos estados do Sul. Então, a grande imigração para o Brasil foi resultado dos movimentos pela abolição da escravatura e do desenvolvimento de uma política para atrair imigrantes nas fazendas de café.

Entre todas, a italiana foi uma das principais correntes que se dirigiram ao Brasil: no cenário geral da migração de Itália, o Brasil entrou como a terceira opção (depois de Europa e Estados Unidos), embora temporariamente – entre o final dos anos 1880 e a virada do século – tenha

---

<sup>4</sup> Esta mediação se verifica no processo migratório, mas também dentro da sociedade brasileira há um claro movimento de aproximação entre tradições distintas: existem redes de relações sociais e fluxos de informações que permitem esses contatos e diálogos, paralelos à desigualdade econômica e distribuição de poder (Velho, Kuschnir, 2001).

<sup>5</sup> Existe uma relação diferencial com o território nacional, se achamos ao caso de Itália e Brasil: vasto e heterogêneo, do tamanho de um continente o Brasil (um país de 8.511.965 km<sup>2</sup> com cerca de 200 milhões de habitantes), pequena e mais homogênea a Itália (301.255 km<sup>2</sup> e 58 milhões de habitantes). Tem que lembrar que o Brasil é uma República federativa com 26 estados: entre todos, São Paulo tem uma superfície de 248.256 km<sup>2</sup> e 40 milhões de habitantes.

emergido como a principal área de atração (Beozzo Bassanezi, 1995). De 1870 a 1920, o Brasil recebeu cerca de um milhão e meio de imigrantes italianos (1.622.491 no período 1872-1972)<sup>6</sup>.

**Tab. 1 – Entradas de imigrantes italianos e total**

<i>Período</i>	<i>Itália</i>	<i>Total</i>
1872-79	45.467	176.337
1880-89	277.124	448.622
1890-99	690.365	1.198.327
1900-09	221.394	622.407
1910-19	138.168	815.453
1920-29	106.835	846.647
1930-39	22.170	332.768
1940-49	15.819	114.085
1950-59	91.931	583.587
1960-69	12.414	197.587
1970-72	804	15.558
1872-1972	1.622.491	5.350.889

Fonte: Beozzo Bassanezi, 1995: 8.

Somente para o Estado de São Paulo vieram cerca de dois terços do total (Forcione Alvim, 1999; Gabaccia, 1997)<sup>7</sup>: no 1893 o 35% da população de São Paulo era italiana; no 1920 o 50% dos homens da capital eram italianos. Grande parte dos italianos que migraram para a Brasil eram do Norte e do Sul da Itália: de 1876 a 1920, um terço do total eram do Vêneto (Memorial do Imigrante, 2003).

**Tab. 2 – População brasileira e estrangeira para o Estado de São Paulo**

<i>Período</i>	<i>Pop. Total</i>	<i>Pop. Estrang.</i>	<i>% Estrang.</i>	<i>Pop. Estrang. Brasil</i>
1872	837.354	29.662	3,5	389.459
1890	1.384.753	75.030	5,4	351.545
1900	2.279.608	478.417	21	1.074.671
1920	4.592.188	829.851	18,1	1.565.961
1940	7.180.316	814.102	11,3	1.405.442
1950	9.134.423	693.321	7,6	1.213.182
1970	17.771.948	703.526	3,6	1.229.134
1980	25.042.074	523.444	2,1	912.848

Fonte: Dados dos Censos (Beozzo Bassanezi, 1995: 12).

Estima-se que ainda hoje São Paulo possua a terceira maior colônia italiana, depois de Nova York e Buenos Aires (Lippi Oliveira, 2001). Dados de 2000 da Embaixada da Itália apontam a presença de 25 milhões de italianos e descendentes no Brasil. O Estado de São Paulo abriga hoje 6 milhões de italianos e descendentes, segundo estimativa do Consulado Italiano – os outros moram nos outros estados do Sul do país.

<sup>6</sup> São sessenta milhões as pessoas de origem italiana que moram fora da Itália (Maffioletti, Colaiacomo, 2004); 290 mil são os italianos que hoje moram no Brasil, 69 mil nativos, 230 mil com dupla cidadania (Licata, 2005).

<sup>7</sup> Não se pode ignorar a particularidade dos países do Novo Mundo que são, por definição, países de imigração. A história do Novo Mundo é história de imigração e uma história da emigração européia, terra de encontro de todos os emigrantes do mundo (Sayad, 2000).

**Tab. 3 – Regiões dos imigrantes italianos**

<i>Regiões da Itália</i>	<i>Imigrantes</i>	<i>%</i>
Vêneto	366	30
Lombardia	106	9
Toscana / Emilia Romagna / Piemonte / Liguria	190	15
<i>Norte</i>	<i>662</i>	<i>54</i>
Campania	166	14
Calábria	131	9
Basilicata / Sicília / Puglia / Sardenha	139	11
<i>Sul</i>	<i>436</i>	<i>34</i>
Abruzzo / Molise	93	8
Marche / Lazio / Umbria	53	4
<i>Centro</i>	<i>146</i>	<i>12</i>
<i>Totale</i>	<i>1.244</i>	<i>100</i>

Fonte: Memorial do Imigrante, 2003.

Na história recente, ao contrário, o Brasil passa de um pólo de destino a ter o papel de uma região de origem; na sociedade europeia verifica-se o oposto. A partir dos anos Oitenta, a chamada década perdida, o Brasil começa a inserir-se no contexto das migrações internacionais e se verifica “uma busca de mobilidade social truncada no país, que se dirige, principalmente para os países do Primeiro Mundo” (Patarra, 2005: 359). Brasileiros hoje migram para Estados Unidos, Japão, Europa, numa situação diferente de quando este território se definia como recebedor de imigrantes europeus (Patarra, 1995 e 1996). Os dados com respeito às movimentações migratórias atuais são fragmentários e incertos, mas mostram que não se trata de uma diáspora porque estima-se que cerca de dois milhões de pessoas tinham deixado o país nas últimas décadas, que correspondem há um pouco mais de 1% da população brasileira (Patarra, 2005)<sup>8</sup>.

**Tab. 4 – Estimativas de brasileiros residentes no exterior (2003)**

<i>Países – Regiões</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
Estados Unidos	713.067	39,5
Paraguai	310.000	17,17
Japão	269.256	14,91
Europa	291.816	16,16
Outros da América do Sul	111.705	6,19
Outros	109.592	6,07
Total	1.805.436	100

Fonte: Ministério de Relações Exteriores.

Os países do Ocidente europeu que abrigam maiores contingentes de imigrantes brasileiros são Alemanha, Portugal, Itália – 60 mil, 51 mil e 37 mil brasileiros, respectivamente, de acordo com estimativas recentes (Pires, Oliveira, Sposito, Kahil, 2004): cerca de 12% do total dos brasileiros residentes no exterior moram nas principais cidades da Europa, onde se destacam Lisboa (1,9%), Zurique (1,4%), Frankfurt (1,2%), Munique (1,1%), Milão (1,1%) e Roma (0,9%) (Ibidem).

<sup>8</sup> Se trata de 1.805.436 brasileiros no exterior, segundo os dados do 2003: 40% nos Estados Unidos, 17% no Paraguai, 16% na Europa, 15% no Japão (Patarra, 2005).

No caso de Portugal e Itália, “raízes históricas podem ser evocadas na tentativa de explicar as condições do início dos fluxos migratórios e suas possibilidades de manutenção nas áreas de destino: como é amplamente conhecido, tem sido grande a tentativa de obtenção de cidadania italiana, por parte de brasileiros descendentes dos italianos que afluíram a nosso país desde o final do século XIX” (Machado Bógus, 1995: 115).

No mesmo período, ao contrario, a Itália passa de terra de emigrantes a país de imigração, a partir da segunda metade dos anos Setenta. No 1970 os imigrantes na Itália eram 144.000, depois de 35 anos no 2005 a população estrangeira supera os 3 milhões (Caritas 2005; Cesareo, 2006) e a imigração representa um fenômeno estrutural, caracterizado por uma condição subalterna dos migrantes no mercado do trabalho, consequência de uma dificuldade de realizar políticas migratórias e sociais integradas e duradouras (Ambrosini, 2001). A partir do novo século, todavia, a Itália está tentando passar de uma primeira fase de acolhida e gestão das emergências a uma segunda fase de integração dos estrangeiros no tecido socioeconômico, cultural e político do país.

Pelo que concerne a comunidade brasileira na Itália, no 2003 o Brasil constitui a segunda nacionalidade entre os grupos da América do Sul com 26.858 residentes, que moram sobretudo nas províncias de Roma (4.381), Milão (3.032) e Torino (1.153): se trata, ademais, de um grupo principalmente feminino (73,7%). Um outro dado concerne a questão da cidadania: cada 100 cidadanias concedidas, 30 são de latinoamericanos e o Brasil, com 601 aquisições (2002), é o terceiro na classificação dos países (depois de Albânia e Marroco). Ademais, entre os brasileiros, o 96% fica cidadão italiano por casamento (D’Angelo, 2005). No 2005, a Caritas afirma que 2.175 brasileiros tinham obtido visa para entrar na Itália, principalmente por trabalhar (450), reunir-se com a família (180), estudar (833).

O interesse com respeito às movimentações migratórias internacionais entre Brasil e Itália é significativo hoje porque, a partir dos anos Noventa, é possível para os descendentes dos italianos obter a dupla cidadania, passando a ter também a condição de cidadão italiano. Nos últimos anos, os requerimentos da cidadania italiana estão aumentando a nível numérico. No banco de dados do Consulado italiano, 21.000 pessoas estão agora esperando pela cidadania italiana<sup>9</sup>. O tempo de espera é de cerca 8 anos para quem mora no Brasil (por causa de problemas de organização da burocracia consular), de 6 a 8 meses para quem escolhe ir à Itália para terminar o processo. O número de pessoas, segundo a opinião das associações italianas, é muito maior. Fala-se em 150.000 pessoas, somente no estado de São Paulo, segundo as estimativas dos patronatos.

---

<sup>9</sup> As tabelas do site [http://www.italconsul.org.br/bilingue/listacit/lista\\_de\\_espera.htm](http://www.italconsul.org.br/bilingue/listacit/lista_de_espera.htm) contêm os dados relativos aos requerimentos de reconhecimento da cidadania italiana que chegaram ao Consulado até o dia 23/10/2003.

### 3. Linhas de pesquisa

Os aspectos fenomenológicos apresentados, que concernem o requerimento da cidadania italiana dos jovens brasileiros, aparecem um ponto de partida do trabalho de campo realizado através das entrevistas com descendentes de italianos, que constroem relações transnacionais entre Brasil e Itália, acreditam na idéia do retorno e terminam o projeto migratório iniciado por outras gerações da própria família.

O objeto da pesquisa consistiu na reconstrução do percurso dos descendentes de italianos, com os objetivos de definir: quem são as pessoas que pedem a cidadania italiana; porque pedem a cidadania italiana; como se verifica o processo de pedido da cidadania e quais são os meios ou as pessoas que favorecem este processo.

No que concerne a metodologia, este projeto apresenta duas fases. A primeira fase compreendeu:

- a aquisição de dados e informações (através do Consulado italiano, a Federação das associações italianas Fecibesp, o Memorial do Imigrante em São Paulo; o Arquivo Municipal, a Sociedade Italiana, a Agencia Consular em Rio Claro);
- a criação de contatos com associações italianas;
- a realização de 7 entrevistas semiestruturadas a informantes privilegiados (pessoas com responsabilidade em associações, advogados, professores de língua italiana...) <sup>10</sup> para definir o campo de pesquisa com os objetivos de descrever o trabalho e as atividades destes informantes com descendentes de italianos e fazer um primeiro retrato das pessoas que pedem a cidadania.

A segunda fase compreendeu entrevistas não estruturadas a jovens descendentes de italianos, com o objetivo de chegar a recolher relatos de vida <sup>11</sup> sobre a estadia na Itália ou sobre a experiência do pedido de cidadania italiana.

Se entrevistaram, em total, 10 jovens <sup>12</sup>:

- com ou sem a cidadania italiana, mas que estavam procurando documentos;
- que já foram e voltaram da Itália ou com um conhecimento de Itália mediado por a família;
- que ainda queriam ir ou não queriam voltar a Itália.

---

<sup>10</sup> Se trata de entrevistas realizadas em São Paulo e em Rio Claro, no interior do Estado, donde foi minha estadia do projeto TransMigraRede.

<sup>11</sup> Segundo a definição de relato de vida de Bertaux (1999), um relato que concerne uma parte da experiência vivida pelo sujeito.

<sup>12</sup> Há um debate hoje em curso sobre os sentidos do termo juventude, que se refere, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida de transição entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal e da primeira socialização, para a idade adulta, que implica se tornar capaz de exercer as dimensões de produção, reprodução e participação. Precisa lembrar que a duração e a significação social da juventude são culturais e históricas (Abramo, 2005).

A guia de entrevista utilizada se baseiava, ademais, em alguns temas principais. Primeiro, se reconstruiu com os entrevistados o processo para obter a cidadania italiana (por alguns já terminado, por outros ainda em curso) analisando tempos, significado e motivação da escolha, a organização da busca (informações obtidas, mediadores, problemas e resultados, custos), o nível de conhecimento e representação da Itália antes de ir.

Segundo, se aprofundou a questão da identidade e do pertencimento social, cultural, territorial dos entrevistados, através da análise da origem italiana e da identidade cultural (conhecimento da cultura, língua, religião...); do papel da família, da escola e da igreja católica, das associações, no processo de socialização a cultura italiana; da identidade social (percurso migratório e reconstrução da história da família); da identidade territorial, analisando como se define a pessoa (oriundo, brasileiro de origem italiana, ítalo-brasileiro, brasileiro e italiano com dupla cidadania, brasileiro o italiano...), da avaliação das distâncias e proximidades entre Brasil e Itália e do relato das representações sobre italianos e brasileiros.

Terceiro, se reconstruiu o período de permanência na Itália (com os cinco jovens que foram nesse país), a partir da ida a Itália (quando e porque da viagem), da preparação da viagem (passagem do avião, curso de língua, contatos vários, endereços, mediadores), analisando o local de destino (para verificar a correspondência entre região de origem da família e lugar de moradia na Itália), definindo o tipo de viagem (migração de retorno, turismo, recuperação de origem, aventura) e o significado de ir com passaporte italiano (facilitação ou frustração da dupla cidadania). Ao fim, se tentou analisar a correspondência entre sonho e realidade no processo de migração, indicada pelo tipo de trabalho feito na Itália, o nível de realização pessoal, com respeito às expectativas de partida (renda, nível salarial e custo de vida, prestígio da ocupação, trabalho pesado); pela correspondência entre nível de escolaridade e emprego conseguido; pela relação entre o projeto inicial e a realização dos sonhos (ascensão socioeconômica, desejo de maior integração social...), da integração econômica e social (ao nível do tempo livre, do lazer, da cultura, da religião), do tipo de relações entre italianos e brasileiros.

O objetivo final era de compreender os projetos dos jovens sobre o futuro, analisando perspectivas, medos, esperanças, expectativas de vida no Brasil e na Itália.

#### 4. Um retrato de jovens italo-brasileiros

A partir da análise dos relatos de vida transcritos, delinea-se um retrato dos entrevistados, pelo que concerne os dados estruturais (idade, gênero, condição familiar atual, percurso e nível de educação, condição de trabalho, profissão, lugar de residência – dados apresentados nas tabelas 5, 6, 7). Em total, se trata de seis mulheres e quatro homens, que têm uma idade de 21 a 35 anos, e que podem ser considerados jovens porque na maioria dos casos são solteiros e moram com os pais, estão em formação ou têm vivido a viagem a Itália como experiência de vida juvenil, afastando-se da família para experimentar-se, através de uma experiência protegida, na terra dos pais. Em síntese, os entrevistados não se caracterizam por uma total autonomia da família de origem<sup>13</sup>.

**Tab. 5 – Gênero, idade, condição familiar e lugar de residência dos jovens entrevistados**

<i>Nº</i>	<i>Gênero</i>	<i>Idade</i>	<i>Condição familiar</i>	<i>Lugar de residência</i>
1.	Homen	35 anos	Mora com os padres	Rio Claro
2.	Mulher	35 anos	Casada com filhos	Rio Claro
3.	Mulher	32 anos	Solteira com filha	São Paulo
4.	Homen	25 anos	Mora com os padres	Brotas
5.	Mulher	28 anos	Mora com os padres	Araras
6.	Mulher	29 anos	Casada sem filhos	Rio Claro
7.	Mulher	35 anos	Mora com o padre	Rio Claro
8.	Homen	21 anos	Solteiro	Riberão Preto
9.	Homen	23 anos	Mora com os padres	Rio Claro
10.	Mulher	32 anos	Mora com os padres	Rio Claro

Moro com meu pai, sou solteira... ele até falou que queria conversar com você, ele disse que é jovem, aí eu fiquei pensando jovem até que idade a sua pesquisa porque eu já tenho mais de 30. Tenho 35 anos, no Brasil a gente já está ficando velho... Agora está ficando normal isso, mas antes as pessoas saíam antes de casa, eu acho, agora de um certo tempo pra cá as pessoas estão vivendo mais tempo com os pais, mesmo trabalhando continuam morando com os pais mesmo, é mais comum agora no Brasil (7)<sup>14</sup>.

Moro com meus pais ainda. E o duro é morar sozinho no seu apartamento em outro país e ter que voltar pra casa dos pais. É complicado (4).

Sou estudante de geografia na UNESP (8).

Tenho que terminar minha especialização, um trabalho de pós-graduação depois da graduação, tem mais um ano um ano e meio (5).

Eu saí daqui com 17, fiz a faculdade lá em São Paulo, fiquei lá e depois com 22 fui pra Itália... Eu tinha mais ou menos 27 anos quando voltei ao Brasil... recomeçar com uma certa idade depois, ia ser um pouco complicado... que você faz hábitos, hábitos do lugar que você está... voltar depois muito tarde quer dizer, quando tivesse uma certa idade, ia ser mais difícil me adaptar, enfim, ou eu fico o pé aqui e vou atrás começar a juntar dinheiro e comprar uma casa e montar uma casa, ou eu volto e vejo o que que dá, eu acabei voltando e ficando aqui... Eu achei que era o momento certo pra eu estar voltando pra cá, pra pelo

<sup>13</sup> No Brasil consideram-se jovens as pessoas de 15 a 24 anos, mas em outros países o arco considerado é maior, indo até os 29 ou mesmo 35 anos: é necessário relativizar tais marcos porque as histórias pessoais, condicionadas pelas diferenças e desigualdades sociais de muitas ordens, produzem trajetórias diversas para os indivíduos concretos (Abramo, 2005).

<sup>14</sup> Os números ao término de cada citação são relativos às entrevistas realizadas com os jovens.

menos conhecer, por que o meu medo era ficar lá sem nunca ter experimentado voltar pra cá, então acaba construindo família, enfim, pra ter uma vida lá e não ter experimentado, mas depois no momento que vi fui muito bem aceita no meu trabalho e acabei ficando (2).

Os entrevistados moram em diferentes cidades do Estado: na maioria, são do interior (Rio Claro sobre tudo, mas também Brotas, Araras, Riberão Preto), uma mulher é de São Paulo, mas outros têm vivido na capital no período da formação universitária ou na infância. Pelo que concerne o percurso escolar e laboral, seis jovens entrevistados são graduados em diferentes disciplinas e são ocupados em trabalhos com uma qualificação meio-alta (um moço está ainda estudando na universidade), aunque em condições econômicas e de contrato desvantajosas: estos aspectos testemunham o aumento da escolaridade dos jovens italianos com respeito as antepassados, analfabetos quando chegaram no Brasil. Tres entrevistados, ademais, depois do colegio, começaram a trabalhar no âmbito do terciário (tab. 6). A condição socioeconômica de classe media e o nível alto de instrução dos entrevistados, é confirmado por outras pesquisas, em que resulta que as pessoas que estão pedindo a cidadania italiana (ou que já têm ou que querem deixar o Brasil) são principalmente jovens de classe media (Ministero degli affari esteri, 2003), são homens e mulheres com nível médio de escolaridade. Como aponta Teresa Sales (1992), são pessoas que no momento mais precioso de suas vidas vão realizar um trabalho geralmente aquém de suas qualificações, como empregados nos serviços de baixa qualificação.

**Tab. 6 – Nível de educação e trabalho dos jovens entrevistados**

<i>Nº</i>	<i>Título de estudo</i>	<i>Profissão</i>
1.	Graduação em educação física	Trabalhador autonomo
2.	Graduação em desenho e comunicação visual	Artista
3.	Graduação em psicologia	Psicologa
4.	Graduação em jurisprudência	Professor de lingua
5.	Graduação em biologia	Estudante pós-graduação
6.	Colegio	Secretária escola de idiomas
7.	Graduação em dentista	Dentista
8.	Estudante em geografia	Estudante graduação
9.	Colegio	Dono dum cybercafé
10.	Colegio	Secretária escola de idiomas

As últimas informações são com respeito a relação com Itália. Os jovens encontrados constituem a terceira e a quarta geração de italianos no Brasil: os bisavôs e os avôs italianos vieram ao Brasil entre o final do século XIX e o principio do XX, originarios do Nordeste do país (Vêneto), do Centro (Emilia Romagna e Toscana) e do Sul (Campania, Puglia, Calabria). Somente tres jovens tinham a cidadania italiana ao momento da entrevista, en quanto os outros estavam procurando documentos para terminar este processo: cinco já ficaram na Itália por periodos de tempo diferentes (de 3 meses – a duração de uma visa turistica – a 6 anos no caso duma pessoa com a cidadania italiana) e em varios cidades do Norte e do Centro da Itália.

**Tab. 7 – Jovens entrevistados e ligação com Itália**

Nº	<i>Cidadania italiana</i>	<i>Parentesco italiano</i>	<i>Estadia Itália</i>	<i>Cidade</i>
1.	Sim	Bisavô italiano (Vêneto, Friuli)	3 meses	Vêneto
2.	Sim	Bisavô e avô italianos (Vêneto, Sul)	6 anos	Vicenza
3.	Sim	Bisavô italiano (Vêneto, Calabria)	1 ano (2 vezes)	Trieste
4.	Não	Bisavô italiano (Emilia Romagna)	3 meses	Milão
5.	Não	Bisavô italiano (Calabria)	4 meses (2 vezes)	Viagem / Roma
6.	Não	Bisavô e avô italianos (Vêneto)	-	-
7.	Não	Bisavô e avô italianos (Puglia)	-	-
8.	Não	Bisavô italiano (Campania)	-	-
9.	Não	Bisavô italiano (Vêneto)	-	-
10.	Não	Bisavô italiano (Toscana)	-	Milão

Eu lembro principalmente meu pai que comentava que tinha uma história do bisavô, eu também tenho dois bisavós que são todos italianos, até onde pude descobrir a maioria é do veneto né, treviso, patova, de udene, mas a maioria é tudo daquela região, do nordeste. Meu avô foi gari, faz limpeza de rua trabalhou dês da zona rural pra cidade, ele trabalhava na prefeitura, serviço publico de limpeza, eu não imagino hoje algum descendente dele trabalhando nisso. Meu pai foi marceneiro, depois ele teve a oficina o negocio dele e a gente tem até hoje. Eu trabalho pra mim, mas também estou tentando entrar na pós-graduação (1).

Eles fizeram uma festa de 100 anos da chegada da família aqui no Brasil. O pai da minha vó era do Vêneto, Treviso. A outra parte da familia era da Calábria. Agricultor era a profissão do meu bisavô, na certidão é comerciante, mas ele ficou de agricultor e depois teve uma padaria (3).

Eu sou a terceira geração de italianos no Brasil, sou bisneto e todos os meus bisavôs são italianos, tem um lado que é uma mistura mas é assim, já é com italiano, é tudo europeu não tem nada de... Todos eram da Itália e vieram no meio da primeira guerra mundial nessa ideia de fazer a América de arrumar trabalho... que a Itália estava numa crise meio violenta nessa época, isso foi de muito ouvir lá que o povo me contava, daí vieram pra cá pra estabelecer que tinha uma propaganda que você poderia vir aqui... mostrava a foto das fazendas, daquelas igrejas enormes nas fazendas e com o tempo de trabalho os fazendeiros te davam um pedaço da terra, não era verdade. Uma boa parte da minha família vieram nessa época... no ano assim 1900 alguma coisa, mas não gostaram do Brasil e voltaram pra Itália, daí ficaram lá, a crise tava apertando... voltaram de novo. Dai a hora que voltaram perderam um filho na viagem e jogaram no mar... Ai foi quando eles chegaram no Brasil e se estabeleceram aqui na segunda vez e tiveram o resto dos filhos aqui, trabalhavam em fazendas depois assim o bisavô conseguiu virar coronel do café e ele tinha a fazenda dele, e meu bisavô montou uma fábrica de moveis aqui, que agora é restaurante, e tem a casa de quando eles chegaram (4).

Os avôs do meu pai eram italianos, da Calábria, os avôs de todos os tios dele eram italianos, apenas os pais dele nasceram no Brasil, mas eles não conversavam em italiano, conversavam em dialeto italiano na casa deles (5).

Meu bisavô é de *Corato, perto de Bari...* Ele chegou em São Paulo, meus avôs ficaram em São Paulo. Meu avô teve comercio, ele ficou muito bem de vida aqui no Brasil. Meu avô era semi-analfabeto, meu pai falou que ele não tinha estudo nenhum que ele só sabia o nome... ai ele veio e conseguiu conquistar bastante coisa assim, ele tinha uma loja de lustres no centro de São Paulo, ele importava todos os lustres, lustres finos e ficou muito bem de vida, mas meus tios eram todos jogadores, perderam tudo, tudo assim perderam muita coisa, então a situação não foi ficando mais fácil eles tiveram uma crise... meu pai conta que naquela época as pessoas não tinham carro novo, ele tinha 2, 3 carros ele conseguiu assim pelo que ele veio assim sem estudar sendo semi-analfabeto ele conseguiu muita coisa sim. Melhorou (7).

Eles saíram de lá pra tentar em busca de oportunidade, de Napoli, eles saíram de Napoli procurando uma oportunidade nova aqui no Brasil. Meu avô fez 75 anos este final-de-semana e ele saiu de lá com 8 anos, então... 67 anos atrás mais ou menos, meu bisavô um pouco mais. Então eles chegaram ali na região de Ribeirão Preto, trabalharam sempre com cultivo... Meu avô me disse que ele saiu daquele modelo de trabalhador rural simplesmente para trabalhador agrícola, teve um conhecimento maior da cidade, tinha

recursos da cidade, no máximo trabalhava no campo, e eles depois conseguiram as terras depois e ele passou de trabalhador a proprietário, então isso mudou bastante, quando eles vieram pra cidade já estavam bem. Meus pais eles trabalhavam quando eram jovens ainda dentro da fazenda, depois quando foram morar na cidade eles começaram a trabalhar com serviço (8).

Meu bisavô é italiano, nasceu em Ordezo, Trevizo. E veio pra cá, veio pra cá com oito anos. Ele veio com a família dele. Minha avó já nasceu aqui. Ela veio com oito anos... Veio com o pai dele, daí eles compraram um sítio aqui perto no distrito de Rio Claro, e ficou lá até os seus noventa e oito anos, morreu com noventa e oito anos. Trabalhava no sítio, ele era lavrador, mexia com a terra. Morreu com noventa e oito anos lá mesmo. Ele chegou ao porto de Santos em mil oitocentos e oitenta e nove. Então, direto já vieram pra cá. E se casaram... A minha bisavó com dezessete anos, já ele tinha uns dezanove. Minha bisavó era italiana também. Vieram juntos, eram da mesma emigração e se conheceram aqui (9).

## 5. Novas condições e antigos laços: significados da cidadania italiana

Analizando o fenômeno do pedido da cidadania italiana entre os descendentes, aparecem algumas novas condições, que favorecem o crescimento deste processo, e alguns velhos laços e vínculos que orientam as escolhas dos jovens entrevistados.

Em primeiro lugar, existe uma possibilidade jurídica que permite de manter a cidadania brasileira, também quando se procura o reconhecimento jurídico na Itália. A busca dos documentos, ou talvez a aquisição da cidadania, precedem e podem estimular uma reflexão sobre identidade e grau de pertencimento ao país dos antepassados, em geral pouco conhecido ou esquecido. Estes jovens, no caso analisado, podem ser não só brasileiros, mas também cidadãos italianos, mas de fato não sempre conhecem a língua e a cultura italiana: trata-se de jovens que dificilmente participam da vida das associações e das festas italianas, mas agora querem ou já têm a cidadania italiana. Obter a cidadania significa ter deveres e direitos sociais, civis e políticos, segundo o critério da nacionalidade, mas isto representa somente o primeiro passo para desenvolver uma ligação e uma lealdade a respeito de Itália.

Na verdade eu sei muito pouco sobre a história dos meus avôs, hoje que eu vejo que eu tenho esta curiosidade eu pergunto um monte de coisas pro meu pai porque eu sei muito pouco da história dele, pouca mesmo (7).

Uma das coisas que eu quis saber dès do início è se teria algum problema com a minha cidadania brasileira. Quando eu percebi que não teria nenhum problema, tanto um país como o outro comporta a dupla cidadania, então daí eu sim procurei por batalhar, em conseguir (1).

Assim de mim não partiu tanto, foi mais assim do meu pai né? Que assim tinha esta lei a gente até assim, porque é uma coisa que pro futuro pode ser bom, se você é cidadão italiano (7).

Eu tinha um irmão que jogava futebol na Itália, e nos temos cidadania, meu pai jogou futebol em *vitchenza*. A gente já tinha a cidadania (2).

Eu fiz um ano de italiano antes de sair, mas como eu já te falei cor mais que você saiba a língua quando você encontra com o povo que já fala a língua deles assim, a língua mãe do povo que você esta visitando você trava, não consegue falar (3).

Meus bisavôs vieram pra cá, já com todos os filhos menos meu avô que já tava quase pra nascer, só que ele não nasceu na Itália, nasceu no Brasil. E eles vieram como todos os italianos, em busca de uma vida melhor, mas eu não tenho contato com este lado da família, trabalharam na fazenda no interior de São Paulo, São José do Rio Pardo, Mococa, café, laranja, trabalharam nas fazendas (5).

Eu acho que pode ser diferente ficar na Itália com a cidadania, mas não é uma coisa automática, o fato de você ter a cidadania italiana você vai chegar na Itália ou qualquer outro país e você automaticamente vai ser integrado. Acho que você vai... pra começar a possibilidade de trabalho que você vai ter... os imigrantes são pessoas que já estão de uma certa forma segregadas (1).

Por outro lado, existe também uma propaganda de profissionais mais o menos competentes que procuram documentos para a cidadania, que podem influir e estimular o aumento das pessoas comprometidos nesta procura.

Um outro factor concerne a mudança dos conceitos do espaço e do tempo, provocada pela globalização, que se traduz numa aproximação de lugares através de Internet, das comunidades virtuales<sup>15</sup>, mas também através a difusão do turismo de massa, das viagens econômicas propostas pelas companhias aéreas.

Querida passar um tempo na Italia, e ai assim tentei por varias maneiras, a Internet estava começando aqui assim tava mais... Quando eu comecei a pesquisar mesmo deve ter sido em 1996, por ai. Meu primo só tinha um computador com Internet lentíssimo. Então... num sei quem me arrumou um lista com todas as universidades, eu escrevi acho que umas 70 cartas assim, manualmente e mandei, porque eu queria, eu queria saber a quantidade de bolsas de estudo e ingresso na universidade e muitas poucas me responderam (3).

Eu entrei numa comunidade na Internet pelo Orkut e as pessoas estão discutindo de quem tirou a cidadania italiana, como tirou e eu estou descobrindo que muitas pessoas estão indo pra Itália pra tirar, e elas estão dando passo a passo de como tirar, os documentos necessários, quanto demora (5).

Eu comecei a procurar na internet alguma coisa assim sobre o nome italiano, lá, algumas localizações dentro sim que apresentou esta região do Veneto. Consegui, tem um que chama-se Cuore triventino alguma coisa assim, ai com o sobrenome consegui uma localização assim. Mas eu não tenho conhecimento nenhum. Foi este ano que uma amiga começou a tirar a cidadania dela, ai você começa nessa curiosidade dela, você começa a ir atrás também. Quando comecei a pesquisar na internet, descobri que é esta região do Veneto (6).

Eu troco informações as vezes com um correspondente vamos dizer ne? O problema pe que até então eu não tenho adotado o italiano e nem entendo o italiano, com eu tenho fluência em inglês a gente conversava em inglês, pelo messenger e a gente conversa sobre as universidades italianas por que eu pretendo fazer um doutorado, um mestrado, um doutorado depois ne? E eu gostaria se pudesse ter a oportunidade de fazer fora eu gostaria e na Itália (8).

Eu vejo lugares, algumas amigas que foram, tem umas conhecidas lá que eu falo pela internet, algumas estão em Barcelona. E esse amigo que também está lá, que incentiva bastante e fala "não pode vir aqui, porque aqui é bom, aqui está bem, o pessoal que eu estou é muito legal", vai me acolher, sabe, vai dar toda a orientação inicial... Então eu estou..., decidi ir mesmo, espero que dê certo (9).

---

<sup>15</sup> <http://www.orkut.com>; <http://br.geocities.com/bravagentebrazilera>; <http://www.imigrantesitalianos.com.br>, etc.

Em setembro eu estou programando a viagem. Eu estou esperando o consulado me ligar mesmo, porque eles estão de férias, o mês de agosto todo. Vão me telefonar em setembro pra eu ir buscar, aí eu já compro a passagem. Só não comprei porque eu estou dependendo do consulado. Eu quero ver se até o fim de setembro, eu estando com os documentos, compro a passagem logo. As malas já estão prontas, esta tudo em ordem... (10).

A nível político, os entrevistados sublinham a propaganda do governo italiano que, entre todos os emigrantes que chegam a Itália, declara de preferir os descendentes de italianos, aunque esa declaração não corresponde as práticas de concessão em tempos rápidos da cidadania. Os entrevistados são brasileiros que podem ter no futuro o passaporte italiano, que são considerados, também pelos políticos italianos, como próximos à Itália enquanto moram no Brasil, mas se tornarão estrangeiros e distantes quando forem a Itália: a proximidade e a distancia física não correspondem à proximidade e a distancia social, que são construídas politicamente e socialmente.

Agora a Itália está se empenhando muito nesse intercambio pra resgatar esses filhos e levar pra lá, você que é italiana me confirme essa informação... a mão de obra na Itália tem sido pouco, porque a população envelhece, poucos e tudo mais. Então eles preferem resgatar os consangüíneos e por esta razão a Itália tem se empenhado dando passaporte (agencia consular de Rio Claro).

A nível cultural, as novelas sobre italianos, a influência dos meios de comunicação (televisão, imprensa, site), difundem a idéia de uma facilidade da língua italiana e de uma proximidade entre Itália e Brasil: esta mobilidade é representada como uma emigração mais protegida da emigração no Estados Unidos (pensa-se à novela *America trasmiteda* no 2005 que apresentava as dificuldades da emigração irregular), por quem tem documentos: o retorno é considerado quase um direito<sup>16</sup>. Ademais, se a migração nos Estados Unidos parece ligada a motivações principalmente econômicas, as migrações na Europa e na Itália parece ligada também à cultura e ao desejo de conhecimento.

Eu sempre tive vontade de conhecer a Itália, fico com aquela coisa na cabeça assim, sempre tive vontade de conhecer a Itália, deve ser um país bem bonito, tem mar em volta tudo, eu gosto muito de água de mar, então acho que deve ser um país assim, bem bonito. Deve ser pela ascendência assim, porque de outros países assim, apesar de que eu sempre tive mais atração pela Europa do que pelos EUA, todo mundo sempre teve aquela coisa assim pelos EUA, eu não, sempre gostei mais da Europa, não se, desde de pequena, eu na fui né? (7).

Eu estudei muito a Itália antes pra ir pra lá, eu sempre me interessei, além de fazer italiano, eu estudei a cultura italiana eu quando cheguei em Milão eu falei aquilo ali é a estatua do Victorio, ele foi o rei da unificação italiana junto com o Garibaldi que... sabe? eu sabia tudo, hehehe... Não tem com não gostar da Itália... é a capital da arte, você vai estudar arte no mundo você cai aonde? Pode falar não começou na Itália mas o renascimento foi lá, então... nossa não tem o que falar daquilo. Eu acho assim interessante na minha escola tinha uma mapa da Itália com pontos turísticos, então se você fosse parar numa cidadezinha lá por mais longe que ela fosse, tem uma catedral enorme do século não sei quanto, onde você for na Itália

---

<sup>16</sup> “O retorno é uma prática que os poderes públicos desejavam encorajar por meio especialmente de incentivos, além do desejo natural de retornar do migrante. Esta ideia age como uma espécie de chamado da dimensão nacionalista à qual está confrontado o fenômeno migratório” (Sayad, 2000: 29).

tem historia, isso que eu gosto sabe? Eu tive que estudar o passado pra entender o futuro, eu acho isso interessante, não só na Itália mas em toda Europa é que eles mantem tudo aquilo pra saber tipo Europa tem o memorial do povo que morreu na segunda guerra por que? Pra lembrar o que a guerra fez no pais não, é pegar e enterrar o povo, lembrança que a Europa sofreu com a peste, com a imigração tem uma forte.... Gente, tem melhor coisa que isso que você pisou, na porta da sua casa tem um castelo de não sei quantos mil anos, você desceu do metro tem uma catedral onde Napoleão foi coroado, Napoleão foi coroado em Milão né? Onde o que você estudou a vida inteira esta na porta da sua casa. Eu quero ir! (4).

A idéia de procurar os documentos para obter a cidadania, ademais, nace do resultado obtido para pessoas conhecidas ou familiares, mas também o relato das pessoas que estão procurando documentos influi sobre este processo.

Além das condições e relações que favorecem a difusão deste fenômeno coletivo entre as gerações dos descendentes de italianos, na biografia dos entrevistados delineam-se especificos significados e motivações (instrumentais e/ou expressivos, pois interesses, conveniências, valores se entrelaçam) que caracterizam a escolha de pedir a cidadania italiana. Obter a cidadania e o passaporte italiano constituem:

- uma possibilidade de entrar na Europa e nos Estados Unidos mais facilmente para trabalhar, sim visa;
- uma oportunidade de viajar mais facilmente pela Europa e pelos Estados Unidos;

Na época que eu fui tinha um rumor de que eles iam fechar e não dar mais cidadania, então já tinha muita gente naquela época, porque tinha este rumor de que dali a tanto tempo eles não iam permitir mais essa cidadania pra descendente, então por isso eu quis fazer também, quando eu dei entrada eu nem pensava. Eu não sabia o que que isso me daria legalmente assim, mas eu tinha vontade de ir pra Europa, vagamente, eu não tinha muito esta idéia de morar não, eu achava que iria me ajudar alguma coisa, talvez. Eu ficava muito na questão do estudo, minha fantasia isso de algum modo facilitaria ter este documento, e porque ia ser fácil, se eu tenho este direito deixa eu ir atrás (3).

A principio eu queria estudar e passear, conhecer a Itália, conhecer os parentes que ficaram lá, os que voltaram brasileiros que estão lá que eu não tinha contato mais com eles. Pra poder trabalhar e morar lá, têm outras formas? Têm, mas se eu posso ir com cidadania é até mais fácil pra tudo né? Pra faculdade, pra trabalhar, pra morar. eu sempre quis ir, eu sempre quis saber de Itália. Pra mim pe itália, pra muita gente tira pra poder viajar, pra mim não, é só Itália (4).

- uma questão de imaginário, enquanto ter o passaporte significa evitar o estigma negativo que para algumas pessoas tem a nacionalidade brasileira<sup>17</sup>, pois ter o passaporte italiano significa adquirir um status mais alto;

Nos achamos que fosse melhor ter a cidadania por que sempre o brasileiro sempre não é muito bem visto fora, tem sempre uma conotação muito desagradável do brasileiro fora, então a gente não queria ter este estigma também, e pra facilitar, com certeza (2).

---

<sup>17</sup> Esta ideia é indicadora da “assimetria das relações de força (as materiais e econômicas, e as simbólicas e de prestígio) que opõem as duas categorias de países, os dominantes e os dominados” (Sayad, 2000, 8).

Se você é cidadão italiano na Europa você é tratado diferente, porque eu acho que brasileiro lá fora não é muito bem visto não sei porque, então eu acho assim se você é uma cidadã italiana você vai pra Europa eu acho que você vai ser vista de outra forma, vai ser tratada de outra forma (7)

- significa cultivar a ilusão de voltar como cidadão na Itália e, porque não, ser considerado também cidadão europeu.

No meu caso, tenho a cidadania desde o ano passado, foram pelo menos cinco anos de batalha excessiva pra conseguir a cidadania... Eu vejo até neste sentido, voce ser um cidadão, voce ter direitos garantidos por esta cidadania, não só a cidadania italiana, mas europeia e não abrir mão da cidadania brasileira (1).

Acho que é isso... no futuro precisar ir pra lá, sei lá, ser tratada de forma diferente mesmo, mais respeito, dignidade ou se você precisar você vai ter um trabalho... Você vai ser uma cidadã, como você assim, não como se tivesse nascido lá mais vai ter uma cidadania, já vai ser diferente eu acho o trattamento (7)

Depois da análise dos sentidos atribuídos a cidadania italiana, é necessário precisar as causas e as motivações que levam os jovens a ir a Itália, com ou sem a cidadania italiana, somente para viajar ou também para morar, estudar ou trabalhar.

Geralmente, se escolhe ou se escolheu ir a Itália porque existem fatores de expulsão (instabilidade econômica e política do Brasil, desencantamento com respeito a corrupção do país de origem) e fatores de atração (busca de melhores condições de vida ou de trabalho mais bem remunerado, segurança social, bem-estar social, instrução, ausência de violência no país de destino, dificuldade de entrar em outros países europeus), que representam a explicação clássica dos processos migratórios.

O Brasil não oferece muito, as pessoas ficam meio desanimadas nesse país porque não oferecem condições, sabe? Aqui assim a saúde não é legal, você vê muita coisa errada sabe? Nesse país, os políticos que poderiam fazer um pouco mais por este país não fazem, não tem força de vontade, agora está estirando este negócio de corrupção, o PT que o povo punha muita fé nesse partido, tipo assim acontecer tudo isso com ele, não que eu ache que todos entram pra querer fazer a sua vidinha este troço de político querendo fazer a sua vidinha mesmo, mas assim então a saúde aqui é ruim... Aqui no Brasil as pessoas são nada assim, isso me desanima (5).

Nunca pensei em tirar a cidadania, mas quando eu estive na Europa viajando, morando em Londres eu pensei na facilidade que europeu tem em determinadas coisas principalmente pra viajar, entrada e saída dos países, direito a educação, o próprio trabalho, poder trabalhar livremente, isso me incentivou a querer a cidadania (5).

Eu tinha assim uma referência dos monumentos históricos né, um país mais desenvolvido, uma distribuição da riqueza mais igualitária por que eu acho que este é o grande problema do Brasil, este desnível brutal socioeconômico absurdo, eu imaginava que isso eu não iria encontrar lá, mas que não é nenhum mar de rosas você encontra dificuldades lá também (1).

O problema maior do Brasil é o governo, a política, a administração. É um país bonito, grande, é um país que teria tudo pra ser como a Europa, se não tivesse essa má administração, esse governo corrupto. E ele é muito grande mesmo, eu acho que um presidente só para um país tão grande... Então as oportunidades vão ficando cada vez menores, de trabalho, de estudo. Você tem que lutar muito pra conseguir uma coisa tão pequena, uma oportunidade tão pequena. Eu acredito que seja difícil chegar na Europa agora, mas eu acho que as oportunidades são maiores (10).

Na universidade pública, como a UNESP tem que fazer vestibular pra entrar. É difícil e me falaram que na Itália não. Não existe vestibular, você só faz uma entrevista para universidade saber se você entende... Agora eu tenho que estar lá para escolher o que é que eu vou cursar, o que é que eu vou fazer (10).

Basta você pegar as estatísticas e olhar a renda, grau de escolaridade vê quem está nas universidades públicas, você entra lá na UNESP você vai encontrar pessoas de classe média, classe média-alta, você encontra pouquíssimos negros, é um retrato do que seria a distribuição brasileira... o que determina a ocupação das vagas da USP, que é a maior universidade do Brasil, talvez da América Latina, seja a questão econômica, em última análise é a questão econômica o de poder econômico que determina esse acesso ao ensino, isso é assustador (1).

No Brasil a gente tem o vestibular, não sei como funciona na Itália nas universidades, então você tem o processo seletivo pra entrar. No Brasil no ensino público está um pouco fraco, bem fraco por conta de políticas governamentais até hoje, então os estudantes do ensino privado se destacam e conseguem as melhores vagas nas universidades... No Brasil nas universidades públicas tem 120 pessoas por vaga, então são 119 pessoas que não vão estar entrando na universidade... eu acho que deveria ter mais investimento por parte do poder público. Eu acho que os nossos políticos deveriam olhar com mais cuidado para a área da educação (8).

Também existem outros fatores que orientam a escolha de emigrar ou retornar no país de origem da própria família (turismo, aventura, atração cultural, desejo de conhecer o país dos antepassados, busca das raízes e descoberta da ligação de sangue)<sup>18</sup>.

Tive duas vezes na Itália... a primeira fiquei em 99 fiquei em julho. Eu ganhei esta viagem dos meus pais porque a minha mãe é apaixonada pela Itália, a família do meu pai vem da Itália e eu fui no último ano da graduação, eu ganhei de presente, eu fui viajar pela Europa mas o país que fiquei mais tempo foi à Itália, depois fiquei um mês passeando por vários países, conheci Genova, Firenze, Veneza, Roma, Nápoles e várias outras cidadezinhas aos redores, viajando sozinha (5).

Eu tenho programado pro final da minha universidade, no final do meu quarto ano eu pretendo fazer meu tur pela Europa, vamos a partir com os amigos... de Lisboa ir para todos os países: Espanha, França, Alemanha, Itália, passar na Grécia. Tá previsto pra durar 2 meses, 2 meses viajando pela Europa. Na Itália estou pensando em ficar mais tempo (8).

Acabei dando muita sorte, acabei encontrando um casal de irmão brasileiros, ela morava em Colônia na Alemanha e estava fazendo um giro, e ela falou, olha vem com agente nos estamos de carro a gente vai passear, quando for no dia que seu amigo for voltar a gente te põe num trem, provavelmente a gente vai estar em Monique, te põe num trem e aí você já sabe o percurso, e foi realmente o que aconteceu, foram 15 dias que eu aproveitei muito, então prolongando, prolongando, viajei metade da Europa nesse tempo, foi muito bom (2).

Eu tive uma motivação bem forte de busca as origens. No fundo, no fundo o que motivou mais foi este resgate das origens (1).

Pra mim a ideia sempre foi sair, isso é um fato da minha família, sair pra abrir horizontes, enfim, uma outra cultura, experiência, e foi o que eu fiz (2)

Minha história está intimamente ligada a Itália, minha família inteira é italiana né? Então sempre escutei falar de Itália e isso me deu uma curiosidade assim, sabe? De a, sei lá de ir pra lá de conhecer por que só escutava falar de Itália (4).

---

<sup>18</sup> Um indicador da importância da cultura é, por exemplo, um cartaz numa associação italiana que falava assim: “quere a cidadania italiana? Estuda a lingua e a cultura de Dante!”.

Agora quero voltar ano que vem pra conseguir a cidadania, porque eu acho que é um resgate da minha família, do histórico da minha família, conhecer a terra deles, conhecer de onde eles vieram, eu não conheço a cidade deles, de onde eles viram (5).

Eu não tive muito contato com meu avôs que quando eu nasci eles já tinham morrido, mas eu sinto uma coisa de sangue, de conhecer, de curiosidade, sabe? Apesar deles terem vindo bem pequenos pra cá, é uma coisa assim que eu sempre tive vontade de conhecer a Itália, acho que fica aquela coisa assim dos meus avôs assim de ter... Também uma curiosidade, também imagino que deve ser um país muito bonito acho que eu assim pela beleza me atrai, pela história (7).

Então acho que esta é a questão né? Não sei se a cidadania italiana por exemplo é mais por que pra eu lembrar dos meus antepassados e pra ligação, então acho que é isso... eu não pretendo morar um bom tempo, eu quero conhecer, eu quero se eu tenho uns parentes perdidos por lá... meu avô continua dizendo que eu tenho, inclusive por que a minha família tem um sobrenome específico que não se encontra muito aqui (8).

Ademais, todos os entrevistados têm na Itália ou Europa relações com parentes ou conhecidos que moram lá: existem redes fortes ou fracas (ou apenas contatos) que facilitam esta nova mobilidade e que levam os jovens a unir-se a parentes brasileiros já residentes naquele país.

**Tab. 8 – Redes europeias dos jovens entrevistados**

<i>Nº</i>	<i>Ligações e pessoas conhecidas que moram a Europa</i>
1.	-
2.	irmão em Gorizia
3.	amigo que conhecia uma pessoa que foi para Trieste
4.	prima que estudou na Itália e que mora entre Toscana e Brasil
5.	amigo que é professor universitario em Pisa
6.	sobrinha do marido que mora em Firenze
7.	primo que fazia o maestrado em Madrid
8.	-
9.	amigos que trabalham com informática em Madrid
10.	amiga da mãe em Milão

Eu tinha um irmão que jogava futebol na Itália... Quando eu cheguei lá na Itália eu fui procurar por que meu irmão estava em Gorizia perto de Udine (2).

Um amigo meu falou: “olha eu conheci uma pessoa que foi pra Trieste, que sabe? Parece que tem um estagio” e ele me deu o endereço, eu passei pro endereço um fax e ai ele me deu o modelo da carta que tinha que escreve pra fazer o pedido, e eu escrevi acho que devem ter demorado uns 4 5 meses pra responder e responderam que eu poderia ir no ano seguinte (3).

Tem esta minha prima que me ajudou muito que esta lá, que se eu precisar ela vê pra mim, como ela já viu todas as escolas. Minha prima está... não sei a cidade por que ela ia ser enviada lá, é no estado, eu não sei vou... posso até descobri onde ela esta, mas se ela, como ela estudou muito tempo na Itália como ela fez faculdade, ela fez mestrado, ela sempre faz curso lá, então ela tem contato com as universidades, então ela fala lá vai abrir vaga de tal coisa, interessa? Fazer a inscrição pela internet ela me da o site (4).

A segunda vez que foi, fiquei 15 dias em Roma e fui pra Pisa, eu tenho um amigo que morava em Pisa e é professor da universidade lá, ele é brasileiro e esta dando aula na universidade lá (5).

Tem a sobrinha do meu marido que mora lá em Florenza que é bom, é gostoso, ai da mais vontade de conhecer, é mais a curiosidade mesmo (6).

Já fui pra Madri, pra Paris, eu conheço algumas cidades. Porque meu primo fazia mestrado em Madri, ele e a mulher dele, na época era 1997 e eu fiquei na casa deles em Madri, daí eu viajei, mas nunca cheguei a ir até a Itália porque não dava muito. Não trabalhei, só pra conhecer, na época meu pai fala “Mirian você deveria ter ido até a Itália, tão pertinho!”. Meu pai que bancou a viagem, ele que me bancou e aí o dinheiro não deu pra ir, mas eu tenho vontade de conhecer (7).

É o que meus amigos falam os que estão lá em Madri, eles gostam muito adoram. Trabalham na área de informática também (9).

Agora na Itália tem uma amiga da minha mãe, que esta lá, faz uns 5 meses. Também foi pedir a cidadania, ela também tem direito, levou os papéis. Ela esta adorando. Esta namorando. Trabalhou com a minha mãe e aposentou e como o apartamento dela é alugado e é grande ela convidou para eu ficar lá com ela, em Milão. Agora eu tenho onde ficar pra fazer tudo o que eu tiver que fazer. Ai se eu já puder trabalhar pra ir ajudando em alguma coisa. Porque eu tenho que ficar lá esperando sair o passaporte europeu (10).

## **6. O “mercado da cidadania”, fábrica dos sonhos. Entre realidade e ilusão**

Os jovens que tentam tirar a cidadania italiana através do Consulado de São Paulo ou pensam obter direto na Itália, encontram muitas dificuldades. O problema é que a maioria das pessoas não consegue facilmente obter a cidadania porque não conhece exatamente a localidade de nascimento do antepassado que poderia transmitir a cidadania, não possui a documentação necessária, precisa de procurar o sobrenome original da família e de traduções dos documentos.

Então, quem faz todo isso? Que acontece e como se desenvolve este processo?

Uma palavra que retorna nos relatos dos entrevistados é o fato que a emigração é ligada e conectada a um sonho e a um projeto: as duas dimensões influem sobre a escolha de migrar, mas se o projeto parece antecipar a ação, parece mais racional e organizado, feito de escolhas, o sonho se refere a uma dimensão mais irracional. Acha-se que todo isso está mesclado na escolha de migrar que não pode ser considerada somente um resultado de um balanço entre custos e benefícios, mas também uma decisão emotiva, que une emotividade e razão, motivações econômicas, culturais, familiares: a migração encontra no sonho uma dinâmica geratriz no âmbito do imaginário e a primeira condição da imaginação, da liberdade, da responsabilidade, um sonho que revela-se linguagem, sentimento, sentido, símbolo (Foucault, 2003)<sup>19</sup>.

O que é um sonho? O sonho tem uma acepção negativa no sentido de sono, inconsciência, irracionalidade, emotividade, descontrole, mas tem também um sentido de melhoramento, expectativa, aspiração, busca do bem-estar global de uma pessoa.

---

<sup>19</sup> Referências teóricas são a ideia de sonho como possibilidade de Freire (2001) e a dimensão existencial do sonho, proponida por Foucault (2003) que, ao contrário de Freud, não define o sonho somente como expressão do inconsciente.

Na verdade eu tive um sonho que eu sobrevoava Roma, isso acho que quatro anos antes de eu ir. Bem eu sempre tive muita vontade de sair do Brasil assim, conhecer a Europa em geral, este sonho foi meio o que mobilizou assim, de alguma maneira isso pode se concretizar né? E o porque da Itália, assim acho que tem a ver com toda a minha família, porque eu queria... mas não era consciente disso não, eu não pensava e bom, então, nesse sonho eu sobrevoava e via as abobadas das igrejas assim e isso foi muito intenso assim, sabe? (3).

Quando eu pisei na Itália e falei assim, estou na terra dos meus bisavós e é um sonho se sabe? Você nunca... sei lá é estranho se imaginar, não sei se você já teve... não por que sua família sempre foi de lá, mas você virar e falar assim “nossa, aqui que começou a história, eu to aqui, to pisando aqui” (4).

Eu gostaria de ir porque eu vejo que é um sonho do meu pai ver de onde vieram... acho que toda pessoa tem o sonho de saber onde é a origem realmente dos pais, ainda mais pai e mãe (7).

Minhas irmãs acham ótimo, dizem que tem que ir mesmo a Europa, que é um sonho, se é uma vontade, tem que lutar mesmo, pensar primeiro em mim, só. Ir mesmo, porque mais pra frente eu posso, tirar da família inteira, dos meus sobrinhos eu tenho a possibilidade de tirar a cidadania... Eles podem estudar mais pra frente lá (9).

O Brasil é um país onde você perde um pouco os seus sonhos, você perde muito as esperanças (7).

Eles querem ir a fazer cursos universitarios, a fazer pesquisa lá, a intenção é muito boa. As pessoas tem vontade, o sonho, de conhecer, de chegar lá, de passar um periodo, de ver, e se aparece, por exemplo, uma chance de trabalho o uma chance de ficar mais tempo lá realmente é um sonho, como os italianos vieram de lá pra cá, nos temos no estado de SP hoje mais de 23, 24 milhoes de descendentes que tem um sonho... nao todos... mas os jovens, esta faixa de 25 a 35 anos tem o sonho de ir pra lá. Você sente que não é uma coisa só dinheiro, só mais material, não é! É o sonho, realmente. É o sonho que tinha o bisavô, e foi passando, e acabou chegando no neto desse jeito. Chegou o sonho muito forte, muito forte, não morreu. Foi passando. Coisa assim que emociona a gente. A Itália devia se preocupar com isso. Tinha que acolher, sabe (advogada).

Os sonhos são individuais e pessoais, mas adquirem uma força e se podem transformar em ação, quando se tornar coletivos e são construídos socialmente. Se está falando, por exemplo, da escolha de migrar o de voltar a Itália. Por isso é importante o papel das representações sociais que definem um contexto social. A representação positiva do possível retorno na Itália dos descendentes, presente dentro da comunidade italiana do estado de São Paulo, cria representação e expectativas que influem sobre a escolha de muitas pessoas de partir: assim se explica a ansiosa busca que se verifica em lugares simbolos do Estado de São Paulo (o consulado, as associações, o Memorial do Imigrante).

Assim, o sonho de migrar às vezes pode ser transformado em ilusão, não somente pela propaganda dos meios de comunicação (imprensa, internet, site, televisão), através de um verdadeiro marketing, mas também existem pessoas que fazem isso acontecer, mediadores como conhecidos, parentes, associações, advogados, centros de pesquisa, profissionais mais o menos competentes: estas pessoas se podem chamar quase “coyotes de terno e gravata”<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> O coioete é um agenciador de mão-de-obra que coloca pessoas clandestinamente em outro país. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, de 1999 a 2004 foram presos 21.654 imigrantes brasileiros tentando entrar ilegalmente nos Estados Unidos. No ano 2004, foram 17.063 prisões em Estados Unidos, com uma média de 160 detencões por dia na

Pra tirar a cidadania preciso da certidão de nascimento e casamento que ta na Itália, com minha prima já esta lá, ela já vai mandar pra mim entendeu? Então tudo que menos preciso fazer é correr atrás. Todavia é bastante complicado, quando você esta quase tudo pronto a lei muda, por exemplo, até um tempo atrás eu podia usar parte da minha família, eu estava com os documentos lá eles pegavam o que precisava me incluía nela e tava tudo certo, agora não posso mais, agora pra minha família meu pai, precisa abrir uma outra pasta... Mas o complicado é que acho que deu uma dificultada de uns tempos pra cá. Não sei, não faço idéia, pra não tirar? Se é pra dificultar alem de tudo ela é cara. No cartório assim, não precisando de todos os documentos mas você vai tirar na Itália fica em mil reais só no cartório, fora no consulado que você paga a taxa de legalização, custa 32 euros cada carimbada na folha, em todos os documentos 3 cada um. Como eu vou tirar na Itália não, mas quem tira no Brasil mais de 10 documentos, 20 documentos. Uns 2mil reais 3mil, com era um sonho meu eu juntei dinheiro pra pagar isso pra também. Tem também uma associação italiana que corre atrás um pouco, que ajuda você a procurar seu descendentes e depois tem os patronatos que chamam que são órgãos do consulado, em Rio Claro tem um mas a agencia consular que ajuda também a procurar documentos, mas eles não falam onde está... eles não procuram que eu saiba, você que tem que correr mesmo. Tem advogados que eles vão, mas cobram né? Mas fazem tudo, eles cobram em euros, a maioria cobra em euro. Eu sei por advogado mas eu não sei o preço, eu juro que não sei, mas tem bastante mesmo, as vezes por... se foi isso que eu entendi, por procuração eles podem fazer tudo por você pra não precisar ir. Em euro, como eu sempre digo pra brasileiro é caro. As vezes você confia a pessoa fala que vai ajudar e não ajuda muito, por que ninguém é sabedor da verdade, é duro você procurar. Também já te falei, os italianos chegavam no Brasil depois no porto escreviam o nome deles do jeito que queria, então você tem que deduzir mais ou menos como era o nome deles por que não era igual, você tem que ver se tem antepassados italiano e tudo. Ai a pessoa fala, eu vou te ajudar mas depois fala não convém, então não pode falar que vai fazer tudo, é difícil entendeu? Ninguém sabe (4).

Fora do Consulado da Itália em São Paulo, muitas são as pessoas e as mensagens publicitárias que oferecem informações sobre esta questão da cidadania italiana. As palavras seguintes parecem um bom exemplo deste sonho material ou imaterial que alguns estão construindo e representando: “Quer trabalhar na Europa??? Se você tem passaporte da União Européia imbarque já!!! Trabalhe ganhando 1.000 euro por mês sem pagar moradia e alimentação. Consulte-nos!”. O sonho se transforma em uma questão econômica, uma procura que encontra uma oferta ampla no mercado da cidadania. A desigualdade se reproduz na mobilidade e conseguem migrar somente os jovens da classe media, pois ajudar a conseguir um sonho tem um custo econômico bastante alto que depende do numero dos documentos, do nível de conhecimento da própria família, do numero de traduções, dos eventuais viagens e da moradia na Itália, da boa fé das pessoas que se ofereceram como intermediarias<sup>21</sup>.

Eu liguei no consulado e perguntei aqui no Brasil se eu posso tirar ele agora, eu já tenho a pasta, minha família já tem a pasta com todo o processo pronto, quanto tempo levaria, diz o consulado que de 8 a 15 anos, então eu entrei numa comunidade na internet e eles estão dando passo a passo de como tirar, os documentos necessários, quanto demora. Eu liguei pra minha prima e ela falou que acha que no meu caso ela não sabe se é possível porque as pessoas da família já tiraram no Brasil, diz ela que o consulado

---

fronteira do México e dos Estados Unidos: se continuar esta proporção, o total de brasileiros presos tentando entrar nos Estados Unidos até o final de 2005 chegará a 41.500, o dobro do número dos que foram presos entre 1999 e 2004.

<sup>21</sup> Um sacerdote do Vêneto, conhecido a uma festa dum bairro italiano, me contou que ele sabia de alguns brasileiros, já cidadãos italianos, são perseguidos pela policia italiana, porque fugiram com o dinheiro das pessoas que tinham contratado uma assessoria para a busca dos documentos diretamente na Itália.

italiano esta dando uma informação errada, que não demora de 8 a 15 anos, que eu tenho este direito imediatamente porque eu tenho a pasta pronta, porque eu já tenho os documentos revisados esta tudo pronto, em dezembro eu vou com ela no consulado porque ela articula melhor, ela sabe melhor e ela vai me ajudar. Assim, o no meu caso eu já tenho toda a documentação pronta então o custo não é alto, quem esta começando o custo é bem alto. Advogado, tradução dos documentos, advogado pra ajudar a procurar a documentação, se você quiser eu te indico onde eu consigo estas informações na internet (5).

Eu acho que é caro, por que não tem documento, tem que tirar, ir atrás do documento. Um custo que não é barato não, é caro. Da minha família ninguém conseguiu tirar por causa dessas localização que não sabe, da minha família ninguém conseguiu tirar, tem uma prima minha também que gostaria de tirar que também não conseguiu, por que a gente fica trocando informações e ela não conseguiu e eu também não consegui, mas acho que o custo não é fácil. Tudo que você vai pedir um documento você precisa de dinheiro tem que pagar, o custo é caro (6).

Já faz um ano, 2 por ai, até os nossos documentos estão todos na agencia consular. Eu não sei quanto meu pai pagou, mas ele gastou um bom dinheiro. Porque assim meu primo também, por parte do meu pai também ele já tirou, ele conseguiu só que ele pagou um advogado super caro na época, ele é promotor... ele tem mais dinheiro então assim, eu vejo assim é meio injustiça quem tem dinheiro acaba tendo outros caminhos mais fáceis, e na época ele pagou bem mais caro, tem uns 5, 6 anos logo que saiu ele conseguiu assim bem rápido. Esse meu primo eu não sei, ele pagou em dólares, 5 mil dólares na época ele pagou por este advogado que ele conseguiu rápido, meu pai eu não sei, mas eu sei que ele gastou uns de mil, porque tem que traduzir os documentos, tem que ver tudo direitinho (7).

Eu sempre quis tirar a cidadania, mas nunca pensando em ir pra lá, nada disso, mas quando eu comecei a ir atrás eu descobri uma prima da minha mãe que já tinha, o seja ela já tinha encomendado uns documentos da Itália do meu bisavô da minha mãe... Assim não foi muito difícil eu comecei a partir do meu avô, eu fui lá e retirei a certidão do meu vó a cidadezinha onde ele morava, foi meio dispendioso e facinho. Mas precisavam mil tipos de carimbos, Ave Maria!!! Era engraçado porque na época que eu fui ao consulado tinha um rumor de que eles iam fechar e não dar mais cidadania, então já tinha muita gente naquela época, porque tinha este rumor de que dali a tanto tempo eles não iam permitir mais essa cidadania pra descendente, então por isso eu quis fazer também, quando eu dei entrada eu nem pensava. Fiz tudo sozinha, sempre por esta questão da grana na verdade, porque eu descobri que não tinha nenhum problema no nome, tava tudo correto. Eu me usei do patronato também... Não foi tão complicado, não. Eu não precisei de advogado, nada disso. Essa minha amiga foi comigo, ela não tinha feito nada aqui então foi fazer lá e foi tudo mais fácil se ela tivesse feito aqui, aqui ela ia precisar de advogado, fazer essa tradução, ficar na fila um monte de outras coisas, gastar muito dinheiro... e ela acabou fazendo pro lá assim (3).

## **6. Identidades múltiplas e transnacionais**

É claro que esta oferta é uma resposta a uma procura. Frequentemente, os jovens brasileiros realizam somente uma busca instrumental dos documentos para a entrada na Itália: a lembrança do percurso migratório da família é útil somente de maneira instrumental para obter documentos, para saber o sobrenome, conhecer o modo para obter no tempo mais rápido a cidadania. Neste caso a busca é instrumental e indicador disso é o fato que as maiores comunidades brasileiras na Itália (Milão, Roma, Torino) não se encontram nas regiões que enviaram maior numero de italianos (Vêneto) ao Brasil. Outro indicador é representado do fato que muitas pessoas querem o passaporte italiano, mas não querem morar na Itália, mas sim em outro país europeu.

Pretendo entrar na Espanha já com cidadania. A cidadania italiana é válida em toda a União Européia, ela é reconhecida em toda a União européia. Como se eu fosse um cidadão europeu (9).

Eu quero ir a Italia, porque assim eu tenho o passaporte europeu. Sai a cidadania e o passaporte europeu. Porque se eu for pra Espanha direto eu vou ficar ilegal. A não ser que eu já arranje um emprego ou se eu fosse para estudar, mas eu não quero ficar ilegal. Eu vou para Itália, faço tudo que tem que ser feito e pego meu passaporte europeu. Assim eu posso ficar na Europa. Então entre 6 e 8 meses eles já liberam o passaporte, porque os documentos estão todos certinhos, não esta faltando nada (10).

Fiquei em Pisa, eu tenho um amigo brasileiro que morava em Pisa. Fiquei 15 dias, não arrumava emprego e aí resolvi ir pra Inglaterra (5).

Querida ir embora, estava querendo ir pra França, fazer estagio em outro lugar lá, tava querendo. E esta historia de validar meu diploma, era possível, porque financeiramente até eu conseguir traduzir, eu tinha quando eu vim pro Brasil eu tinha dado entrada em toda a papelada, a minha mãe ia fazer toda a tradução, com os históricos estas coisas era possível sim, só que tinha... como chama o exame da ordem lá? Eu estava estudando, estava com calma. Estava procurando outros estágios por que aquilo lá na Italia não era psicóloga (3).

Eu queria ir para os Estados Unidos, com o meu primo. Só que depende da situação... eu começaria ilegal, ficaria ilegal, só que eu acho que não é legal, eu não, não..., não é legal. E eu não quero ir lá para lavar prato, pra lavar chão, para ser jardineiro (9).

A maioria [dos descendentes] vai a Italia pelo dinheiro, vai ter poder de consumo o que a gente houve falar lá, lá eu posso comprar tantas coisa, eu posso viajar, mais nessa possibilidade de consumo, eu posso consumir aqui não tem como vou levar uma vida muito apertada sem garantias, sem seguranças... as pessoas abrem mão do status. Até mesmo... eu não sei se acaba ficando muito tempo mas tinha muita gente que saia daqui ia pra Inglaterra pra viver clandestinamente, trabalhando clandestinamente, muita gente que a gente sabia por informação... pessoas que tinham nível superior, alguns ficaram um tempo acabaram dando certo, outros ficaram 4, 5 anos e voltaram. Muita gente ficaram como aventura, o que voce tem quase como um mito é que lá voce vai trabalhar e ganhar muito dinheiro isso é... voce vai pro Japão, pro Estados Unidos, pra Europa, voce vai ganhar muito dinheiro, isso é quase que um mito, pouca gente consegue ultrapassar um pouquinho este mito... será que é verdade mesmo? Ou será que é um custo de vida? Será que voce se integra ou não ao que voce vai viver no mito? Ou vai viver separado? As pessoas não levam muito isso em consideração... Quanto eu vou poder me integrar a cultura local? (1).

É interessante sublinhar que as raízes e o pertencimento a Itália, na maioria dos casos, não são mantidas e transmitidas de geração em geração, mas espesso procuradas, descobertas, inventadas, construídas, escolhidas: trata-se de uma verdadeira invenção da identidade italiana pelos descendentes, que se verifica escolhendo de maneira ciente seus próprios antepassados.

Aqui a gente não tem muitas ligações com a cultura italiana, porque as festas que tem aqui não tem muito a ver, por exemplo, com a cultura deles, o que se fala de festa italiana aqui é San Genaro, São Genaro é do sul ne? E aqui a maioria é veneta!!! Não que a gente não curta, não goste disso também, mas quando voce vai, estuda um pouco isso vê que não tem nada a ver com seus antepassados, essa possibilidade não existe (1).

Eu tenho o interesse de estar indo pra Itália, eu já estou começando a fazer italiano agora... eu já estou me acostumando, eu gosto da cultura italiana, da parte da minha mãe todos são italianos, da parte do meu pai são alemães e portugueses... Seria mais fácil tirar a cidadania alemã que italiana, acho que gosto mais da Itália (8).

Eu vou pra lá pra tirar a cidadania, viajar por lá, conhecer algumas coisas por lá e depois eu pretendo ir pra Madri para estudar e trabalhar. A Itália eu não conheço muito só por foto. Não conheço muito bem da Itália, e aí... eu fiquei meio impressionado com a relação de empregos que ele me passou, que Madri está oferecendo. Esse meu amigo que está em Madri (9).

Se eu conseguir um emprego, mesmo na Itália, é interessante porque aí eu não vou ficar sem fazer nada. Dá para me manter esse começo lá, até arranjar alguma coisa, sair a cidadania. Mas o meu sonho, o meu ideal é a Espanha, a Itália não... Não sei... O sangue é italiano, mas a Espanha arrepiá. Falou em Espanha me arrepiá, me atraí. Deve ter uma explicação, mas... As pessoas eu acho que são mais... Esse calor humano. Tem mais calor humano na Espanha do que na Itália. Dizem que lá eles são mais frios (10).

Se de um lado, a busca de algumas pessoas é somente instrumental ao trabalho, de outro lado por alguns jovens à busca dos documentos torna-se uma busca interior, quase uma pesquisa social, psicológica, antropológica, cheia de significado e de motivações, uma busca das origens e um estudo aprofundado a través da memória<sup>22</sup>. É assim que se verifica uma mediação cultural, uma mistura de aspectos italianos e brasileiros, se cria um Brasil italiano, através de uma recuperação da história familiar, através do valor da lembrança, também quando se verifica a ruptura com o próprio grupo, quando a migração é uma fuga (Santoro de Constantino, 2002).

Eu gostaria de ficar um tempo lá... não seria pra juntar dinheiro ou pra viver pra sempre lá, mas de ter uma vivência cultural diferenciada acho que na Itália todo lugar que passei você respira história, é difícil o lugar que não tenha um monumento que seja mais velho que meu país, é muito difícil, qualquer lugar que você vá, qualquer cidadezinha você tem lá um monumento que é mais velho que o Brasil, tem mais de 500 anos. Gosto me interessar por isso, tem um valor subjetivo muito grande, e eu acho que isso uma parte das pessoas se interessa por isso mas acho que são muito poucos... É uma forma de ser italiano, a cultura italiana, então nesse sentido, gastronomia, religiosidade, estrutura familiar. Eu sou católico, eu também vejo isso não só uma ligação mística, histórica cultural também entendo desta forma até também gosto de conservar isso como referência histórica também (1).

Quando eu tinha TV a cabo era na RAI direto, por que eu sou ainda muito apaixonada por lá, tem dias assim que eu converso, se eu conversa com a minha amiga italiana a noite o dia inteiro eu embaralho eu fico falando muito da Itália ou italiano (2).

Quando eu morava com uma família na Itália, eles falavam você um dia vai ter que cozinhar um prato brasileiro pra gente, eu falei tá, que prato você quer? Que você sabe fazer? Eu falei macarrão. Mas você só sabe macarrão? Minha família é italiana também, eu falei, daí eles falaram você não sabe fazer feijoada? Eu falei não! A gente não come quase feijoada em casa. Daí um dia ele veio com pulenta, isso aqui você não conhece, eu falei faz tempo, você faz isso? Eu falei que no fogão a lenha, ele disse você está brincando, oh! A gente faz (4).

Eu fiquei profundamente emocionado de ter chegado na cidadezinha dos meus pais, uma cidadezinha de 10mil habitantes... eu lembro do meu pai, meu tio contava que meu bisavô trabalhava nas margens do rio Pó, eu achava engraçado por que pó pra gente é poeira, é seco, é pó mesmo, eu achava engraçado um rio chamar pó, um rio de poeira na minha imaginação de criança. Isso me marcou bastante, o nome do rio, a cidade a gente não sabia na época que ele trabalhava na época da enchente pra... na barragem de proteção do rio, dique de proteção, pra proteger as plantações da cidade. Ele vigiava a noite, revezava com outros pra ver onde tinha vazamento de água e onde acontecia este vazamento tinha que jogar areia pro lado de dentro por que da pressão da água jogava aquela areia, aquela pedra pra tapar qualquer vazamento que

---

<sup>22</sup> Interessante, a esse propósito, um livro que oferece uma abordagem psicológica com respeito a imigração nas mudanças do povo brasileiro, identidades e identificações, exílio, memória e busca de referência, em quanto sintoma social que articula as singularidades num dado coletivo (Medeiros da Costa, Melman, Chemama, 2000).

tivesse ali. E daí eu fui pra conhecer, pra ir atrás de documentos também e eu cheguei ali e um dia quente como hoje, mês de junho bastante quente, aí eu lembrei no rio e olhei, mas era tudo pântano planície *padana* ali, eu olhei e nossa, será que é longe daí esse rio? Um lugar mais levedado eu subi ali pra ver se eu via alguma coisa, um lugar um pouco mais alto que você podia ver, esse lugar que eu subi era esta barragem, esse dique o rio dava do outro lado, nossa! Aquele momento veio todo a mente, eu não estava nem lembrando mais a história mas quando eu subi e vi aquele rio enorme do lado da cidade, eu já recordei de tudo, me emocionei bastante. As pessoas perdem esta ligação e realmente são poucos os que tem... que foi passado alguma coisa que conservou alguma recordação, alguma memória dos antepassados, por uma série de fatores podem ser possíveis aí dessa desagregação dessa memória que estranhamente no Rio grande do Sul na serra gaúcha mais especificamente eles mantêm mais esta tradição, aqui não tem ela se perdeu, engraçado que é a mesma... o mesmo povo que saíram dos mesmos lugares mais ou menos da mesma época da mesma origem social e se diferenciou tanto, se transformou numa coisa muito mais abstrata, cambiável, muita coisa que eu resgatei, que eu fui atrás, que eu recebi dos pais, eu recebi isso na minha educação, foi passado, acho que realmente se perderam... algumas pra sempre por que não tem mais os avós, os tios não sabem muitas coisas minha mãe também... o que ela sabe vai passando (1).

Os entrevistados desenvolvem múltiplos pertencimentos que se revelam como diferentes formas de identidade:

- assimilada, resultado de uma comunidade italiana que no Brasil tem esquecido as referências culturais de origem;

As pessoas perdem esta ligação com o lugar de origem e realmente são poucos os que tem... que foi passado alguma coisa que conservou alguma recordação, alguma memória dos antepassados, por uma série de fatores podem ser possíveis aí dessa desagregação dessa memória que estranhamente no Rio grande do Sul na serra gaúcha mais especificamente eles mantêm mais esta tradição, aqui não tem ela se perdeu, engraçado que é a mesma... o mesmo povo que saíram dos mesmos lugares mais ou menos da mesma época da mesma origem social e se diferenciou tanto, se transformou numa coisa muito mais abstrata, cambiável, muita coisa que eu resgatei, que eu fui atrás, que eu recebi dos pais, eu recebi isso na minha educação, foi passado, acho que realmente se perderam... algumas pra sempre por que não tem mais os avós, os tios não sabem muitas coisas minha mãe também... o que ela sabe vai passando (1).

Se você chegar no quarto hoje, você vai encontrar uma foto do meu pai e uma bandeira do Brasil, então eu me sinto realmente brasileiro eu gosto do meu país. Como eu gosto do meu país eu não vejo por exemplo eu me tornando italiano eu deixando de ser menos brasileiro, ou querendo ser italiano ao invés de ser brasileiro. É por que eu não reconheço, e aí sim vem a influência dos meus avós e é esta a questão da família, essas raízes que eu tive passadas dos meus bisavós, meus avós. Mas eu não penso em deixar de ser brasileiro, ou ser menos brasileiro (8).

- fixa ou fixada em aspectos folclóricos e estereotipados da cultura italiana que não correspondem a realidade;

A hora que eu pisei lá eu falei estou em casa, eu fui criado muito nessa moda européia, dessas coisas assim... então quando eu estava lá eu falei estou em casa tudo que eu vi eu já conhecia, a ideia que eu tinha é a mesma que eu tinha aqui sabe? (4).

- dividida, de uma pessoa que não pertence ao lugar de origem e de destino, como o “marginal man” (Park, 1986);

Eu nunca deixei de me sentir brasileira, quando eu estava na Itália por exemplo, tinha hora que eu reforçava isso, vou escutar música brasileira, tinha horas que eu tentava de negar um pouco, tinha uma

amiga minha que misturava, quando começa a falar ele mistura. Então eu me sinto as duas coisas, se eu fosse pra lá eu vou viver eternamente a divisão, se eu tiver lá vou sentir saudade daqui, se eu estiver aqui vou sentir saudade de lá (3).

Tem aquela sensação meio de estúpidos, de se sentir meio bobo, porque voce não conhece bem as regras, então varias vezes voce tem essa, lá quando eu ia fazer qualquer coisa ligada a documento, por exemplo tirar a carteirinha sanitária, primeiro que eles me estranhavam porque eu estava com o passaporte na mão sendo que eu era italiana mas não era italiana, então tinha este estranhamento então eu me sentia meio tonta, meio ridícula (3).

- equilibrada e baseada em um mix de traços culturais de varios tipos.

Eu acho, eu gosto de ser brasileiro e não gostaria de abrir mão da cidadania, mas por outro lado eu também me reconheço como italiano. Eu estudei de uma maneira subjetiva, pessoal, por que percebendo um pouco ali por uma leitura (1).

O paraben que mais gosto... que me fazem... suas joyas sao de estilo italiano com uma cor brasileira (2).

Eu tenho gosto de não ter nascido lá mas falar de uma forma ou de outra ser italiano. Se alguém falar eu poder mostrar minha carta de identidade italiana, sabe? é isso, é coisa pouca sabe? (4)

Na para, vai volta, vai volta, é a casa né? Vai ta lá, depois volta aqui, a gente vê em todo lugar, todo mundo gosta, se sente bem em todo lugar, todo mundo gosta de lá, se sente bem nos dois lugares, se sente bem. Eu gosto lá, não é que eu não gosto do Brasil mas eu me identifiquei bem lá. Eu falo que sou ítalo-brasiliano, que sou os dois, eu gosto dos dois assim, nunca vou desprezar, falar nada do Brasil por que a minha terra em que nasci, foi aqui que me criei e foi aqui que deu oportunidade pra minha mãe trabalhar e me deu sustento sabe? Chega onde eu cheguei e inclusive chegar na Itália, só que eu também quando fui pra lá abri os braços, também é minha origem, se não fosse ela quem garante que eu estaria em algum lugar vieram de lá entendeu? minha família é italiana então eu me coloquei de braços abertos. São duas casas minhas, uma que eu cresci e ou tra que eu ouvi falar que são minhas origens e que soube me receber quando eu quis voltar (4).

Eu acho que sou brasileira, tentando buscar as raízes, acho que pra eu me sentir italiana eu teria que estar morando lá com quando eu estava lá, você se sente ligada, interagindo a cultura você esta presente, você esta em volta de tudo, aqui é um sonho né? (5).

Quando se chega a Itália, todavia, a proximidade cultural e o desejo de assemelhar-se aos autóctones não constituem sempre uma garantia para que exista uma correspondência entre características pessoais, percurso migratório, aspirações individuais e *chances* de vida. Por isso, muitos brasileiros, fazem na Itália trabalhos muitos bem pagos, mas não muito qualificados, com escasso prestígio social e permanecem estrangeiros e brasileiros na Itália. Problemas específicos vivem, depois, as mulheres brasileiras.

Na época tinha a intenção de estudar na Itália, eu sou formado em educação física aqui, eu tinha a intenção de fazer um curso na área de gerenciamento esportivo, na Itália isso é bastante profissionalizado a administração esportiva. Eu me formei em 2000, em 2001 eu acabei indo pra Itália, mas meio na base do desespero tentando tirar a cidadania por lá por que aqui o consulado estava parado não estava nem recebendo mais processo de cidadania e tal. Eu fui numa tentativa meio desesperada pra tentar dar entrada por lá, na época não havia nenhuma regulamentação pra se conseguir a cidadania por lá, eu achei que ia ficar meio complicado e acabei desistindo por que quase meio da Itália, mas eu acabei voltando (1).

Eu não queria ir assim se nada desse jeito muito imigrante, eu queria continuar minha profissão, queria continuar estudante ter um vínculo ... e eu também não sabia que eu queria ir imigrar, queria passar um tempo. Eu não queria viajar porque eu nunca gostava dessa coisa de turista né? Foi um processo de inserção social mesmo real, trabalhadora tal... Eu não posso dizer foi difícil pra mim, não foi, eu falava a língua, eu não senti, lógico voce é mais cobrado, é mais... acho que assim a historia de ter a cidadania, de falar bem a língua de tudo foi ajudado muito, fala que senti na pele preconceito... Eu só me decepcionei mesmo com a questão do que eu esperava com o estagio, era muito fraco, não era nada do que eu imaginava. Muito pouco, era mais o imaginário meu que alguma coisa dada na Europa vai ser super bem dada, não tinha informação nenhuma. Era a idéia de que tudo na Europa é tudo bem feito, bem dado e não era bem assim, era muito largado, não tinha uma sistematização acadêmica (3).

Pelo que eu vivi na Itália a questão do emprego e do desemprego não é igual aqui no Brasil mas existe também, não é porque eu vou chegar lá com a cidadania que eu vou conseguir o emprego e vou ganhar e bem e ficar bem, talvez este aspecto seja distorcido nas pessoas que vão buscar isso. Eu lembrei de um aspecto negativo não do italiano, mas uma coisa que eu senti do brasileiro lá, e com eu não conhecia ninguém lá tava eu e uma amiga então a gente buscava pequenos grupos de brasileiros que estavam lá trabalhando, a maioria ilegal, a grande maioria senão todos, desses pequenos grupos que faziam os subempregos e a gente tentava algum emprego com eles alguma coisa com por eles e a receptividade deles não foi uma coisa legal, não foi de ajuda calorosa com se de repente a gente estivesse aqui no nosso país, acho que lá tem muito dessa competição, não entre os italianos mas entre os brasileiros mesmo que estão lá, existe muita esta competição por lugar, posto alguma coisa. Foi uma coisa que marcou assim a gente (5).

Ela estava querendo alugar um apartamento, mas ai a pessoas da agencia falou, é pra voce? Não, não, pra mim, e percebeu ela falou, voce não é daqui? Não sou do sul da Puglia, é pra mim e pra uma amiga, a ela também é do sul? Não, não ela é brasileira, ela é do Brasil... a ela é dançarina? Entendeu? Só pra te dar uma idéia mais ou menos do preconceito que voce acaba sofrendo, claro pelo meu cabelo .... então não tinha isso, quando falava alguma coisa que era do Brasil tem uma conotação um pouco... acho que pra mulher é um pouco mais difícil (2).

Eu te falei daquela vez da sensação da mulher brasileira, isso não me incomodava muito porque eu tinha certeza que não era nada daquilo, então sabe? Se pensassem também... mas dois minutos de conversa ia perceber que não era nada daquilo, então eu não, isso não tem atingia pessoalmente eu ficava puta mas num sentido mais político, que saco que o Brasil passa essa imagem, que saco que as pessoas tem... mas não que eu me sentia ofendida. No primeiro contato a voce é brasileira? Coisa interessante exótica, mas depois passava, depois tirava mascara e tudo bem. Também não sou a típica brasileira tanto fisicamente tanto comportamentalmente, eu sou mais na minha, discreta (3).

Todavia, alguns jovens têm experiências positivas de inserção social e integração, de conhecimento do país e dos italianos, através da criação de ligações importantes de amizade, mas os projetos de vida se revelam diferentes e contraditórios: a maioria de quem voltou, acha de quedarse no Brasil, alguns imaginam de morar na Itália um tempo o para sempre, outros pensam em viajar, morar trabalhar temporariamente nos países europeios que abrem possibilidades e chances.

Acabei conhecendo essa minha amiga italiana, que vinha do sul, e ia fazer o mesmo curso que eu ia fazer, e a gente acabou dividindo primeiro um quarto no pensionato e no final do curso a gente acabou falando vamos ficar? Vamos ficar, e ai a gente alugou um apartamento, por que na verdade eu não queria ficar como uma estrangeira, eu queria participar da comunidade, entendeu? E ser integrada, tanto que tenho muito amigos italianos, a minha preocupação não era assim, a intenção era ficar pra conhecer o máximo que eu pudesse e aproveitar o máximo que eu pudesse. Eu acabei ficando e foi muito valido, muito valido uma experiência assim de chão de fábrica, que a gente chama aqui, e eu não conheço outra pessoa que tenha feito isso entendeu? Que tenha efetivamente ficado e trabalhado. É engraçado por que os operários não se conformavam e diziam “que que se ta fazendo aqui?”. Entendeu? Pra mim era uma coisa

importante, não era um questão social, era efetivamente do meu trabalho, essência do meu trabalho, e eles não entendiam, é complicado, não pe simples, vc tá lá, sabe? Trabalho 8 horas, vai lá, ganha... trabalhava a banca mesmo, soldava, era muito bacana, sempre com jóias, pra mim a parte de ouro mesmo. Era uma fabrica pequena de uns 30 funcionários, mas o volume era muito grande, era muito grande, era uma fabrica umas das mais respeitadas, era muito bacana (2).

**Tab. 9 – Jovens entrevistados**

<i>Nº</i>	<i>Projetos</i>
1.	Quedarse no Brasil
2.	Quedarse no Brasil
3.	Quedarse no Brasil
4.	Ir, tirar a cidadania e morar a Itália
5.	Ir, tirar a cidadania e morar 2 anos a Itália
6.	Tirar a cidadania e ir a Itália unos meses
7.	Tirar a cidadania e ir a Itália un ano
8.	Viajar para Europa
9.	Tirar a cidadania na Italia e ir a Espanha
10.	Tirar a cidadania na Italia e ir a Espanha

Me tratavam super bem [na Itália], só que turista... é quando se é do país, acho que é mais fácil. Eu poderia ter ficado mais tempo, se eu estivesse com a cidadania eu não tinha voltado, pode ter certeza. Só voltei por que não tinha outro jeito de ficar lá, porque se falasse a sua cidadania ta pronta você não ia acharme aqui no Brasil pra fazer entrevista, não! (4).

Enfim, existe um sonho italiano e/ou europeio<sup>23</sup>? Quem já foi e quem quer ir a Itália, manifesta uma representação positiva de Europa, che representa em primeiro lugar o continente da cultura e da história em que pode-se experimentar uma vivencia cultural diferenciada e não somente adquirir possibilidade de consumir; Europa oferece, no imaginario dos entrevistados, a oportunidade de trabalhar no que as pessoas sabem fazer porque não se quer migrar para “lavar pratos o ser jardineiro”; o “velho continente” è no mesmo tempo è definido como a Europa dos direitos e da seguridade social, porque educação, saude, emprego são direitos garantidos a todos os cidadãos. Os jovens sublinhan, em particular, a possibilidade do acesso livre a universidade, quase um sonho para pessoas acostumadas a dificil seleção e escassas possibilidade de exito.

O que acontece com muita gente por exemplo que aqui... ele tem uma formação superior, mas ele poderia ganhar no máximo uns 300 euros. Por exemplo, e ele pode ir pra la e ganhar 1200 euros então ele faz esta conta imediata esquece o custo de vida la, ele se assujeita a fazer qualquer tipo de trabalho, alguns vão com um sonho de achar que algum dia ele vai poder fazer, trabalhar na profissão dele, mas muitos assim abrem mão mesmo, o que me importa se sou engenheiro aqui e na tem trabalho pra mim ou eu ganho muito pouco, eu vou é trabalhar lá de mão de obra braçal, eu vou ganhar mais, eu tenho talvez uma segurança social maior, apesar de ter uma degradação desses estado de bem estar social em toda Europa, em toda a Europa esta se degradando mas mesmo assim é muitissimo superior aqui, então isso também acho que acaba... voce tem uma educação de melhor qualidade, saúde de melhor qualidade estas coisas acho que acabam chamando atenção, segurança, violencia urbana aqui nesta ultima década. Pessoalmente houve uma explosão da violência urbana, isso assusta o brasileiro. Então ele pensa assim, pra que eu vou

<sup>23</sup> Parece interessante a ideia de Rifkin (2004), autor que afirma que o sonho americano, que ia a prometer um bemestar material em cambio de sacrificio e duro trabalho, està em declino. Em cambio, delinea-se um sonho europeio porque os cidadãos deste continente tem maiores direitos sociais, qualidade de vida, uma melhor instrução e mas tempo para lazer; ademais, pobreza, criminalidade e degradação são menos difundidos.

ficar ligado a um status... ficar trabalhando na minha área se as vezes é muito melhor fazer um trabalho que eu não vou ter que ficar me preocupando muito, um trabalho simples é mais cansativo mas ele é um trabalho simples não tenho grandes responsabilidades, no final do me eu tenho meu dinheiro pra pagar minhas contas, eu acho que tem muitos brasileiros que fazem esta opção, não seu se tem muito esta ilusão que vão pra lá trabalhar na área na formação dele (1).

Eu queria ir para os Estados Unidos mas com o meu primo. Só que depende da situação, ele ralou bastante lá, não tá ilegal, ele está trabalhando em uma empresa, a empresa deu os documentos para ele tudo certinho. Só que eu começaria ilegal, ficaria ilegal, só que eu acho que não é legal, eu não, não..., não é legal. E eu não quero ir lá para lavar prato, pra lavar chão, para ser jardineiro, eu quero ir pra trabalhar no que eu sei fazer, então faz mais ou menos um ano (9).

Foi difícil assim voltar pra Brasil, pra São Paulo... eu não queria porque eu não gosto mais de São Paulo dessa vida louca que se tem aqui essa rotina, pra mim era muito precioso poder voltar a pé as 3 da manhã sozinha, era muito precioso tomar um trem e poder viajar, coisa que aqui não... lá eu sentia essa idéia da perspectiva do assim, eu não ganhava muito mas eu economizava, ganhava, tinha uma perspectiva. Aqui é esta loucura voce nunca sabe quando vai ganhar, esse... As vezes quando fala voce quer voltar pra lá? Não como era, não trabalhar em cooperativa acho que isso não tenho mais energia não, talvez eu va sentir com um retrocesso (3).

Eu acho que se me quedasse no Brasil estaria tudo na mesma coisa, não ia ter mudança, mesmo por causa da situação do país. Não tem grandes progressos e a população fica sem ter chance, sem ter... Lá eu acho que tem mais oportunidades, eu posso chegar e começar com um emprego de faxineira, limpar casa, e posso progredir que tem mais oportunidades. Eu acho que tem mais reconhecimento das pessoas pelo governo. Se eu ficasse na Itália, eu sei que tenho tudo, eu não preciso pagar nada, eu posso estudar, eu posso fazer um monte de coisas. Na Itália eu teria mais chances de fazer coisas, por ser cidadã italiana. Eu não sei o futuro, mas eu acho que talvez não esteja rica, porque não é esta a intenção de guardar muito dinheiro, pra voltar para o Brasil e comprar um monte de coisas, não. Eu acho que guarda-se dinheiro, mas tem-se que investir em você mesma. Em conhecer outros lugares, poder viajar mais, pela Europa, por outros lugares (10).

Lá você pode estudar, aqui a maioria das pessoas não estudam, não tem como e aqueles que não conseguem vão para escola só para comer, porque não tem comida. Os bem pobres, as crianças, vão por causa da merenda, se não, não iam. As vezes políticos desviam dinheiro. Então a criança não tem condições de estudar, porque estão de barriga vazia vai para escola e... Eu acho que na Europa isso sempre viria em primeiro lugar, educação, saúde, emprego isso sempre tem. Não que eu precisasse, pois dá pra eu pagar médico se eu precisar, dá pra eu pagar uma escola pra eu estudar, a gente classe média ainda tem isso, mas eu acho que isso teria que ser para todos (10).

Em conclusão, a diferença do Brasil, que é um país onde as pessoas não têm valor e onde se perdem os sonhos e as esperanças, a Europa torna-se um contexto em que tem mais dignidade e existe mais ética e respeito pelas pessoas: observado de um ponto de vista externo pelos jovens brasileiros, o continente europeio se carrega de expectativas e aspirações altas e multiplas que constroem esta idéia do sonho europeio.

Eu me sinto brasileira apesar desse país não oferece boas condições de vida, sabe? por isso que eu acho que na Itália, não só na Itália mas na Europa toda a vida tem mais valor sabe? Aqui no Brasil as pessoas são nada assim isso que me desanima, mas eu gosto daqui como país não sei se porque eu nasço aqui eu não me vejo assim eu queria morar na Itália ou morar em Londres não porque falam que lá é tudo nublado mas eu não gosto eu gosto de céu azul gosto de eu acho assim eu acho que o Brasil é um país de vida, tinha tudo pra dar certo, tudo pra ser bom, mas assim gostaria de morar, pra ficar um ano, conhecer como que é, outro lugar assim outra cultura e nada com você morar em outro país porque passeando é diferente. Mas assim pra morar o resto da minha vida não, acho que eu moraria no Brasil, não troco meu Brasil por

pioir que seja, por pior que as pessoas não tenham tanta vontade de fazer isso aqui melhor eu ainda gosto do Brasil. Eu estou num trabalho em Limeira, é um convenio odontológico, só que esta muito ruim o meu trabalho, estão explorando a gente no ultimo, não pagam atrasam o salário e nao tem o mínimo de respeito, por isso que eu falo aqui no Brasil as pessoas não tem respeito sabe? Pelo trabalho das pessoas, aqui parece que a gente não vale nada, é um país que chega a desanimar a gente... atualmente eu só estou trabalhando nesse lugar que não esta bom, por isso eu tenho vontade de ir embora. A gente fica sonhado lá fora achando que é melhor, mas a gente não sabe também...

Estes países da Europa por serem mais estruturados, terem mais história, você vê eles se desenvolvendo mais que o Brasil ficou meio parado, acho que lá você teria mais esperança de vida, aqui no Brasil você acaba se desestimulando com as coisas, eu mesma estou muito desanimada com a minha profissão já pensei em largar varias vezes, estou pensando em prestar outra faculdade, porque aqui as pessoas não dão valor, então é um país onde você perde um pouco os seus sonhos, você tem que ser muito forte assim, muito batalhador e muito assim ter certeza do que você quer porque senão você perde muito as esperanças aqui... Você sai da faculdade cheio de sonhos, eu sai assim... eu só queria fazer odontologia, ser dentista e de repente aquilo me criou uma angustia muito grande, eu fiz terapia, fui no psicólogo por que você vê que as coisas aqui quando você sai, você se forma e sai as coisas são muito diferentes, mas é muito diferente mesmo, eu acho que lá fora as coisas são diferentes que aqui no Brasil, aqui as pessoas não são valorizadas com profissão, muito pelo contrario as pessoas só querem explorar, quem tem um pouco mais de dinheiro assim exploram os que não tem, então você vai perdendo as esperanças. É um país que você não vê futuro, você não vê uma perspectiva mais pra frente. Então você vê assim as pessoas com vontade de ir erbor... Outras amigas contando tão na Suíça, tão não sei onde, tão não sei onde e mandam e-mail aqui eu sou qualquer coisa mas é melhor que no Brasil... que aqui você tem uma profissão mas você não é nada, porque você não é valorizado, este país precisa mudar antes que as pessoas aqui queiram... daqui a pouco vai ter muita gente aqui mas aqui é um país onde você não consegue muita perspectiva. Então acho que este sonho das pessoas quererem sua cidadania, esta coisa desenfreada assim é esta coisa que aqui não oferece, a gente não conhece lá fora, eu vejo muita reportagem esta passando agora aqui no Brasil no globo repórter de pessoas que foram pros EUA e se deram mal, que foram pra onde, porque a gente tem aquele sonho de que lá fora é tudo melhor e as pessoas sabem que no fundo... eu tenho consciência que lá fora não é mil maravilhas, mas acho que tem mais dignidade tem mais assim... sei lá, acho que é isso... quando eu me formei eu tinha muitos sonhos e você vai li dando com pessoas que não tem ética a profissão, por isso eu acho que ia gostar da Europa porque eu imagino que lá as pessoas em mais ética mais respeito pelas pessoas, aqui o ser humano não é respeitado nem pelo que faz nem pelo que não faz sabe? (7).

## **7. Comentários finais. Un retorno às categorias teoricas**

Em conclusão, como podemos interpretar esta mobilidade humana entre Brasil e Itália e quais conceitos utilizar para defini-lo de maneira adequada?

O primeiro conceito que pode-se utilizar é transnacionalismo (Portes, 2003; Geiger, 2000), uma abordagem que se afirma como alternativa aos paradigmas da assimilação do imigrante no contexto do país de destino ou do imigrante temporário que volta no país de origem, apenas acaba de trabalhar. O transnacionalismo representa uma nova perspectiva teorica, não um novo fenômeno, que considera os transmigrantes como pessoas que constroem campos sociais que ligam o local de origem e o local de destino. Os migrantes podem manter suas relações sociais e varias e múltiplas identidades, geradas a partir de sua simultaneidade de posição em varias localidades sociais, gracias aos desenvolvimento nas comunicação e trasportes, e usam tanto para se acomodarem, como para resistirem as dificeis circunstancias e a ideologias dominantes que eles encontraram nos seus

campos sociais transnacionais (Sales, 1992). Fala-se de uma dupla inserção de alguns migrantes, que podem definir-se transmigrantes, que cream uma red – uma globalização – por baixo, feita de laços econômicos, políticos e culturais nos dois países, com conseqüências micro (em nível de identidade ) e macrosociais (Zanfrini, 2004; Cesareo, 2006).

Então, o transnacionalismo è un fenômeno da primeira geração ou è possível que exista uma hereditariedade dos filhos e dos descendentes? Este conceito pode ser aplicado, por exemplo, ao específico caso dos brasileiros de origem italiana que podem procuram uma dupla ligação com Brasil e Itália, através da dupla cidadania e, porque não, talvez desenvolvem uma dupla identidade sociocultural (Pollini, Venturelli Christensen, 2002; Franzina 2005). É possível definir os jovens entrevistados transmigrantes? Acha-se melhor a figura do peregrinus *à la* Bauman (1999), da vida como peregrinação verso uma meta que atrai: se trata em este caso da terra dos antepassados, um país onde voltar para concluir um percurso, porque parece que lá onde qualquer parte, tem que retornar. Mais que falar de transmigrantes, ademais, pode-se reconhecer práticas transnacionais de jovens que não são verdadeiros migrantes ou turistas, mas sentem de ter duas cidadania, casas, idiomas, pertencimentos, e talvez têm amigos, familiares, filhos italianos. Espesso manifestam um estilo de vida nomade, movil, pouco radicado, resultado de um desejo de descobrir raízes, que envolvem uma rede de pessoas em conexão, através de um percurso de recuperação voluntaria dos laços entre os dois países, um percurso individual, mas também coletivo, familiar, de comunidade.

Pode-se afirmar que a direção das migrações nunca è definitiva, mas cíclica, parece superar espaço e tempo. Ademais, não se trata de viagens somente de ida, mas de viagens de ida e volta, também quando uma migração è um projeto que dura por algumas gerações. Pode-se chamar, também, esta mobilidade “migração transgeracional”: com esta denominação, entende-se a corrente migratória dos oriundos em locais onde possivelmente residam parentes ou amigos, onde existe a possibilidade de formação de uma rede de apoio que auxilia a inserção e a permanência. Trata-se de um caminho inverso que caracteriza a trajetória dos descendentes dos imigrantes que buscam obter a cidadania italiana para resgatar os laços com a terra de seus antepassados, bem como procurar oportunidades de trabalho na Itália e na comunidade européia (Machado Bógus, Beozzo Bassanezi, 2001).

Escreve Sayad (2000) que o retorno è naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, uma questão inscrita na condição do imigrante que introduz a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório, composto de imigração e emigração.

O retorno implica uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo dependentes do domínio que se tem do tempo presente; è um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva, ligada com a memória. O retorno implica uma relação com a terra natal, em todas as suas formas e seus valores, inicialmente em sua dimensão física ou geográfica e em suas outras qualificações sociais; lugares carregados de afetividade. O retorno implica

uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou. O retorno é um mito pelos migrantes, mas não existe verdadeiramente retorno ao idêntico. Pode-se sempre voltar a ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, mas de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida (Sayad, 2000, 12).

Este conceito de retorno parece muito interessante para estudar este fenômeno dos descendentes dos italianos, apesar de que não se trata de um verdadeiro retorno, porque não voltam ao país de origem as pessoas que migraram, mas os descendentes, os netos ou bisnetos.

O fenômeno do retorno dos descendentes, das relações transnacionais e transgeracionais é bastante novo, não muito conhecido e ainda limitado a nível numérico na Itália, mas a oportunidade de estudar a imigração/emigração entre Itália e Brasil, nos dois contextos nacionais, tem permitido de conhecer este processo circular e nunca definitivo, ativando um processo de reflexividade na pesquisa sobre migrações e oferecendo a possibilidade de descobrir um “novo mundo”, fato de sonhos e aspirações de jovens de origem italiana, que precisa de ser estudado de maneira interdisciplinar (Neto, Ferreira, 2005) e através de um processo de recomposição entre imigração e emigração, analisando a biografia de imigrantes e emigrantes.

Se pode concluir, afirmando que os jovens entrevistados, de fato, propõem uma idéia do migrante, não tanto como na imagem pessimista de Sayad de pessoas duplamente ausentes e sim direitos no lugar de origem e de destino, mas como atores que vão criar e reconstruir redes entre dois mundos, na perspectiva teórica da *agency*, e que se caracterizam por uma forte vontade de existir nos dois contextos, escolhendo uma “dupla presença”.

## Bibliografia

- Abramo H. W., "Condição juvenil no Brasil contemporâneo", in Abramo H. W., Branco P. P. M. (org.), *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*, São Paulo, Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 37-72.
- Ambrosini M., *La fatica di integrarsi. Immigrati e lavoro in Italia*, Bologna, il Mulino, 2001.
- Bauman Z., *La società dell'incertezza*, Bologna, il Mulino, 1999.
- Beozzo Bassanezi M. S. C., "Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico", in Patarra N. (coord.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*, Campinas, FNUAP, 1995, pp. 1-38.
- Bertaux D., *Racconti di vita*, Milano, FrancoAngeli, 1999.
- Cesareo V., "2005: la crisi dei tradizionali modelli di integrazione", in Fondazione Ismu, *Undicesimo Rapporto sulle migrazioni 2005*, Milano, FrancoAngeli, 2006, pp. 7-29.
- Dahrendorf R., *Libertà attiva. Sei lezioni su un mondo instabile*, Roma-Bari, Laterza, 2003.
- D'Angelo A., "L'immigrazione latinoamericana in Italia": un inquadramento statistico", in Ambrosini M., Queirolo Palmas L., *I latinos alla scoperta dell'Europa. Nuove migrazioni e spazi della cittadinanza*, Milano, FrancoAngeli, 2005, pp. 124-143.
- De Luca E., *Solo andata. Righe che vanno troppo spesso a capo*, Milano, Feltrinelli, 2005.
- Forcione Alvim Z. M., "O Brasil italiano (1880-1920)", in Fausto B. (org.), *Fazer a América*, São Paulo, Edusp, 1999.
- Franzina E., "Diaspora e colonie tra immaginazione e realtà: il caso italo-brasiliano", in Tirabassi M. (org.), *Itinera. Paradigmi delle migrazioni italiane*, Torino, Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 2005, pp. 101-137.
- Freire P., *Pedagogia dos sonhos possíveis*, São Paulo, Editora UNESP, 2001.
- Gabaccia D. R., *Per una storia italiana dell'emigrazione*, "Altretalie", n. 16, luglio-dicembre 1997.
- Geiger P. P., *Migrações internacionais e transnacionalismo na atualidade*, "Revista Brasileira de Estudos de População", v. 17, n.1/2, jan-dez 2000, pp. 213-216.
- Licata D., "Gli italiani che vivono nel mondo", in Caritas /Migrantes, *Immigrazione. Dossier Statistico 2005. XV Rapporto*, Roma, Idos, 2005, pp. 57-68.
- Lippi Oliveira L., *O Brasil dos imigrantes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- Machado Bógus L. M., "Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar", in Patarra N. (coord.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*, Campinas, FNUAP, 1995, pp. 111-121.
- Machado Bógus L. M., Beozzo Bassanezi M. S. C., "Brasileiros (as) na Itália: nuovi cittadini ou extracomunitari?", in Garcia Castro M (coord.), *Migrações internacionais: contribuições para políticas*, Brasília, CNPD, 2001, pp. 409-425.
- Maffioletti G., Colaiacomo A., *Gli italiani nel mondo. Dinamiche migratorie e composizione delle collettività*, "Studi Emigrazione", XLI, n. 153, 2004, pp. 169-194.
- Medeiros da Costa A. M., Melman C., Chemama R., *Imigração e fundações*, Porto Alegre, Artes e Ofícios Editora, 2000.
- Memorial do Imigrante, *Imigração italiana no Estado de São Paulo*, serie resumos n. 1, São Paulo, 2003.
- Ministero degli affari esteri, *Indagine sui giovani italiani all'estero. I giovani italiani nelle élite economiche, politiche e culturali, nella classe media e in quella povera, dei paesi esteri. Brasile e Argentina*, Roma, novembre 2003.
- Neto H. P., Ferreira A. P., *Cruzando fronteiras disciplinares. Um panorama dos estudos migratórios*, Rio de Janeiro, Editora Revan, 2005.
- Park R. E., "Migrazione umana e l'uomo marginale", in Tabboni S. (org.), *Vicinanza e lontananza: modelli e figure dello straniero come categoria sociologica*, Milano, FrancoAngeli, 1986, pp. 195-210.
- Patarra N. (coord.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo*, Campinas, FNUAP, 1995.
- Patarra N. (coord.), *Migrações internacionais. Herança XX Agenda XXI*, Campinas, FNUAP, 1996.
- Patarra N., "Movimentos migratórios internacionais recentes de/para o Brasil e políticas sociais. Um debate necessário", in Serviço Pastoral dos Migrantes (org.), *Travessias na desordem global. Fórum Social das Migrações*, São Paulo, Paulinas, 2005, pp. 355-380.
- Pires E. L. S., Oliveira B., Sposito E. S., Kahil S. P., *Dinâmicas territoriais e novas formas das emigrações brasileiras no início do século XXI*, "Studi emigrazione", n. 154, 2004, pp. 415-428.
- Pollini G., Scidà G., *Sociologia delle migrazioni*, Milano, FrancoAngeli, 1998.
- Pollini G., Venturelli Christensen P., *Migrazioni e appartenenze molteplici*, Milano, FrancoAngeli, 2002.

- Portes A., *Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism*, "International Migration Review", vol. 37, n. 3, 2003, pp. 874-892.
- Rifkin J., *Il sogno europeo. Come l'Europa ha creato una nuova visione del futuro che sta lentamente eclissando il sogno americano*, Milano, Mondadori, 2004.
- Sales T., *Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa*, "Revista Brasileira de Estudos de População", v. 9, n.1, 1992, pp. 50-64.
- Santagati M., *Mediazione e integrazione. Processi di accoglienza e inserimento dei soggetti migranti*, Milano, FrancoAngeli, 2004.
- Zanfrini L., *Sociologia delle migrazioni*, Roma-Bari, Laterza, 2004.
- Santoro de Constantino N., *Italiani a Porto Alegre: l'invenzione di una identità*, "Altreitalie", n. 25, luglio-dicembre 2003.
- Sayad A., *O retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante*, "Travessia. Revista do migrante", ano XIII, Janeiro 2000.
- *La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2002.
- Touraine A., *Libertà, uguaglianza, diversità*, Milano, Il Saggiatore, 1998.
- Velho G., Kuschnir K. (org.), *Mediação, cultura e política*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 2001.